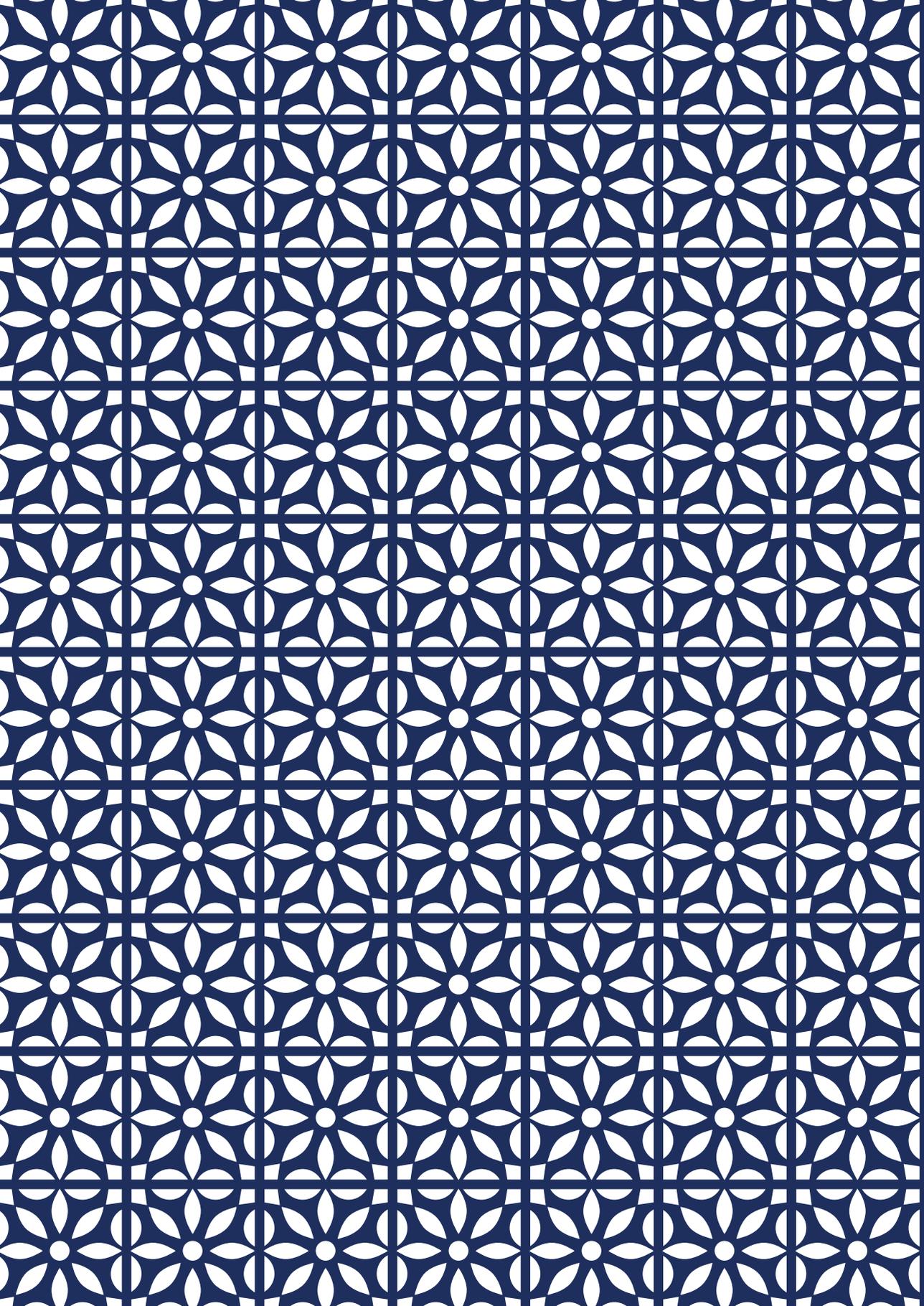


LIVRO-OBJETO “O BECO”
A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA
A PARTIR DA MEMÓRIA E DO LUGAR

THEMIS SUERDA GONZAGA BEZERRA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES
BACHARELADO EM DESIGN

THEMIS SUERDA GONZAGA BEZERRA

LIVRO-OBJETO “O BECO”
a construção de uma narrativa
a partir da memória e do lugar

Orientadora
Elizabeth Romani

NATAL /2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Elizabeth Romani, por todo apoio e paciência.

A minha mãe, Ivelise, por me incentivar a nunca parar de buscar novos conhecimentos.

A minha irmã e sobrinho, Gioconda e Ariel, por estarem sempre fornecendo emoções a minha vida.

A meu amigo, Lenilton, por sempre me incentivar e fornecer um milhão de referências.

Aos meus amigos, Carol, Rafa, Cardozo, João, Larissa e Ana Clara, pelo encorajamento, apoio e estarem sempre apostos para servirem de cobaia nos testes deste livro-objeto.

Ao Grupo Estandarte, por me fazerem uma atriz consciente do meu papel político no mundo.

Minha eterna gratidão a Deus por me dar bastante paciência.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo a construção de uma narrativa tendo o livro-objeto como suporte, desenvolvida a partir de memórias e emoções de pessoas que têm uma relação íntima com o bairro da Ribeira em Natal no Rio Grande do Norte. Além disso, tem como objetivos secundários estudar os elementos fundamentais para a construção e proposição de um livro-objeto; pesquisar o design emocional, buscando elementos que subsidiem a construção do livro-objeto; entender o contexto histórico e cultural do bairro da Ribeira; levantar elementos do estudo de lugar auxiliando na valorização do bairro; elaborar uma metodologia que envolva a memória, o emocional e o lugar, para desenvolver um livro-objeto; e, produzir um protótipo do livro. O trabalho aborda o design emocional de Norman (2008), na perspectiva do despertar de um novo olhar para as ligações que o objeto livro pode trazer enquanto memória, experiência e emoção, assim como, o conceito de lugar de Dalcin, Lima e Barros (2018), valorização de Krucken (2009) e cidade de Lynch (2011), provocando um olhar mais humano e emocional, para o bairro da Ribeira. Para alcançar tais objetivos, utilizou-se os procedimentos metodológicos adaptados de Munari (1981) para organizar o processo construtivo do livro-objeto "O Beco". Resultando assim, em um processo construtivo de livro-objeto e uma ferramenta de valorização do lugar.

Palavras-chave: livro-objeto, narrativa, lugar, emoção, memória, Ribeira, beco da quarentena.

RÉSUMÉ

Ce document de conclusion de cours (TCC) vise à construire un récit avec le livre d'objets comme support, développé à partir des souvenirs et des émotions de personnes ayant une relation intime avec le quartier de Ribeira au Natal, Rio Grande do Norte. Au nord de plus, ses objectifs secondaires sont d'étudier les éléments fondamentaux de la construction et de la proposition d'un livre d'objets; rechercher le design émotionnel, en recherchant des éléments qui soutiennent la construction du livre d'objets; comprendre le contexte historique et culturel du quartier de Ribeira; soulever des éléments de l'étude de lieu contribuant à la valorisation du quartier; développer une méthodologie qui implique la mémoire, l'émotionnel et l'endroit où développer un livre d'objets; et, produire un prototype du livre. Le travail aborde la conception émotionnelle de Norman (2008), dans la perspective de susciter un nouveau regard sur les liens que l'objet livre peut apporter en tant que mémoire, expérience et émotion, ainsi que sur le concept de lieu de Dalcin, Lima et Barros (2018), appréciation de Krucken (2009) et de la ville de Lynch (2011), provoquant un regard plus humain et émotionnel sur le quartier de Ribeira. Pour atteindre ces objectifs, les procédures méthodologiques adaptées de Munari (1981) ont été utilisées pour organiser le processus de construction du livre d'objets «O BECO». En conséquence, il s'agit d'un processus constructif de livres d'objets et d'un outil de valorisation des lieux.

Mots-clés: livre d'objets, récit, lieu, émotion, mémoire, Ribeira, allée de quarantaine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. LIVRO	17
2.1. Origem, materiais e história	18
2.2. O Livro-objeto	22
2.3. Alguns exemplares	24
2.4. Síntese cronológica - Desenvolvimento do livro impresso	31
2. DESIGN EMOCIONAL	33
3.1. Emoção	33
3.2. Os três níveis do design emocional	34
3.3. Relação do indivíduo com o objeto	36
3.4. O registro fotográfico	37
3.5. Design e experiência	39
3. DESIGN, LUGAR E CIDADE	43
3.1. O lugar	44
3.2. Olhar e a cidade	45
3.3. Natal, a cidade dos Reis Magos	47
3.4. Ribeira	52
3.5. Síntese cronológica - Natal e Ribeira	59

4. PROJETO DO LIVRO-OBJETO:	
contextualização, motivação e metodologia	61
4.1. Contextualização e motivação do tema do projeto	61
4.2. Metodológico	64
5. DESENVOLVIMENTO DO LIVRO-OBJETO	67
5.1. Roteiro de entrevista	67
5.2. Protocolo de pesquisa	69
5.3. Coleta de dados	73
5.4. Análise dos dados e escolha do tema narrativo	93
5.5. Beco da Quarentena	94
5.6. Visitas técnicas	96
5.7. Experiências com suporte	98
5.8. Conteúdo narrativo	109
5.9. Tomadas de decisões	119
6. RESULTADO FINAL DO PROJETO GRÁFICO DO LIVRO-OBJETO “O BECO”	127
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	137

INTRODUÇÃO

O bairro da Ribeira, em Natal no Rio Grande do Norte, é um lugar que abriga muitas histórias e experiências, nas quais foram vividas por diferentes pessoas que ajudaram a construir o lugar. A Ribeira surgiu de um alagadiço e se tornou, por um período, o bairro mais importante da cidade, entrou em decadência e vem, ao longo de anos, tentando se reinventar, na tentativa de atrair novos visitantes e reconquistar os velhos conhecidos.

A construção de um livro-objeto² que envolva a memória dos moradores e frequentadores, relacionadas a história e sua experiência no bairro da Ribeira, é o gatilho impulsionador desta pesquisa. O presente trabalho propõe um estudo sobre o desenvolvimento histórico do livro para chegar no livro-objeto, discutindo como a abordagem do design emocional pode ser aplicado em um objeto narrativo, culminando na exploração de possibilidades geradas pela relação com o lugar.

O mundo dos livros proporciona ao leitor uma experiência única, as histórias narradas constroem um imaginário novo, assim como desperta o olhar para o mundo estimulando novas relações com a realidade. A materialidade do livro tem aproximado o leitor do objeto, proporcionando novas relações emocionais com o conteúdo, de acordo com Paiva (2010) e as experiências de Weiss (2010). Assim, é no livro-objeto que esse limiar com a experiência se torna mais efetiva.

A possibilidade de pesquisar o livro-objeto e propor uma construção narrativa, se torna o caminho mais evidente de estudo, pois, durante todo o percurso acadêmico no curso de design evidenciou-se uma predileção

2 O livro-objeto é um tipo de publicação, que vai além do conceito tradicional de livro, ele está entre a literatura e o projeto visual, segundo Oliveira (2017).

por esse viés de pesquisa. Atrrelado a isso, existe uma atriz que busca narrativas, emoções e memórias contidas em elementos do cotidiano, dos espaços e dos lugares, como forma de registrá-lo para que não se percam. Nesse sentido, a relação emocional com o bairro da Ribeira, evidenciado pelos anos de convivência com o lugar, as memórias e a vontade de descobrir novas histórias, impulsiona a escolha do tema por este caminho narrativo.

Neste trabalho, a relação afetiva estabelecida entre o livro-objeto e o leitor foi fundamentada em Norman (2008). Ele discorre sobre o despertar de um novo olhar para as ligações que o objeto livro pode trazer enquanto memória, experiência e emoção. Neste sentido, o autor apresenta elementos da construção da conexão das pessoas com os objetos e a importância das experiências para a construção de memórias emocionais geradas nestas relações.

Na construção dessas relações, livro-objeto e leitor, o lugar aparece com uma força desencadeadora de memórias, ganhando fôlego para a valorização de um bairro que já foi considerado o mais ilustre de Natal. O estudo acerca do lugar de Dalcin, Lima e Barros (2018), aponta alguns caminhos para essa abordagem, no que concerne o entender e valorizar a história, a memória e a experiência do morador e frequentador da Ribeira.

Diante das motivações acima mencionadas, o objetivo geral deste trabalho é construir uma narrativa para valorização da Ribeira utilizando o livro-objeto como suporte. O tema será desenvolvido a partir de memórias e emoções de pessoas que têm uma relação íntima (frequentadores e habitantes) com o bairro. O público-alvo prioritário são os jovens adultos e adultos da cidade, acreditando que, eles precisam conhecer o bairro para poder valorizá-lo. Pretende-se ainda que as histórias e memórias do lugar, não caia no esquecimento do natalense.

Ademais, este trabalho tem os seguintes objetivos secundários: Estudar os elementos fundamentais para a construção e proposição de um livro-objeto; Pesquisar o design emocional, buscando elementos que subsidiem a construção do livro-objeto; Entender o contexto histórico

e cultural do bairro da Ribeira; Levantar elementos do estudo de lugar auxiliando na valorização do bairro; Elaborar uma metodologia que envolva a memória, o emocional e o lugar, para desenvolver um livro-objeto; e, produzir um protótipo do livro.

Para o desenvolvimento do estudo, a fundamentação teórica foi dividida em três partes. A primeira concentra-se no livro e no livro-objeto, entendendo conceitos e discutindo experiências de construção de livros. A segunda discute o design emocional, elencando os elementos encadeadores das relações entre as pessoas e os objetos, as experiências geradas nesta relação e os gatilhos fomentadores da geração de memórias emocionais. A terceira discute o design e o território, na perspectiva de valorização do local como projeto de design, ampliando o olhar para elementos constitutivos e referenciais da cidade e bairro estudado. Assim como, um apinhado histórico acerca de Natal e do bairro da Ribeira, na tentativa de entender o desenvolvimento histórico do lugar.

Para o desenvolvimento de um projeto de design é necessário determinar uma metodologia a ser adotada, estabelecer etapas para que os caminhos a seguir estejam claros em seu encadeamento. Neste projeto de construção de um livro-objeto, foi adaptada de Munari (1981), e parte da identificação do problema como ponto inicial de todo processo.

A metodologia adaptada estava aberta a ser reavaliada no decorrer do processo para que melhor se adequasse às necessidades do trabalho. Arelado a ela, foram escolhidas e realizadas algumas procedimentos e ferramentas de projeto, são elas: entrevistas, visitas técnicas, pesquisa visual, pesquisa exploratória, experiência com o suporte, brainstorming, mapa mental, moodboards, geração de desenhos e testes.

A sequência das etapas se dividiram em três bases norteadoras que se subdividem da seguinte forma, PROBLEMA (problema, definição do problema, definição e reconhecimento dos subproblemas, coleta de dados com pesquisas sobre livro, design emocional, lugar e cidade, entrevistas, protocolo de pesquisa, análise dos dados, escolha do tema narrativo e visitas técnicas), CRIATIVIDADE (experiência com o suporte, conteúdo narrativo e tomada de decisões, ocorrendo a experimentação, geração de modelos e verificação) e SOLUÇÃO (modelo final).

As entrevistas foram realizadas com cinco pessoas que tinham relação emocional com a Ribeira, gerando assim relatos de histórias, ativação de memórias e identificação de lugares no bairro. A avaliação dos dados coletados nas entrevistas, é apresentada aqui na forma de mapa, gerando a possibilidades de escolhas para a construção narrativa do livro-objeto.

Em decorrência da análise dos dados gerados com as entrevistas, se deu a escolha do ponto trabalha na narrativa, que foi o Beco da Quarentena. Com base nessa escolha, o encadeamento do processo de construção do livro-objeto, ocorreu seguindo a metodologia escolhida, desenvolvendo experiências com o suporte, testando alternativas e construindo conteúdo narrativo por meio de textos e desenhos. A avaliação do funcionamento dos elementos escolhidos foi ocorrendo a cada etapa, para um melhor desenvolvimento do projeto, resultando assim, no livro-objeto "O BECO".

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para o registro e conservação de memórias e experiências das pessoas com o bairro da Ribeira, por meio da construção de um livro-objeto, assim como, para a valorização do lugar, suas histórias e memórias, visto que os trabalhos existentes na área dedicados a este tema são escassos e de pouco acesso. Encontra-se algumas pesquisas na área de Artes Visuais, no entanto, o campo do design pouco explorou essa proposta, que se mostra enriquecedora no que tange à pesquisa do livro-objeto envolvendo memória, emoção, narrativas e lugar.

O livro é considerado uma porta que transporta o leitor para outro mundo, o da narrativa, da imaginação e do conhecimento. Ao acessar um livro, aqui é colocado o termo "acessar" como uma maneira de entrar em contato com informações, dados, processos, a pessoa passa por uma experiência de aquisição de conhecimento, o leitor mergulha em um universo poderoso para a imaginação.

O livro propõe discursos com aberturas para interpretações e possibilidades são infinitas. No entanto, o objeto-livro só se completa quando há um interlocutor interagindo com ele. Essa interação pode ser apenas a leitura, ou ela pode ir além, proporcionando uma interação efetiva, física e, por vezes, interacional, como ocorre em alguns livros de artista.

Cabe ressaltar que essa experiência é única, e a leitura pode ser completamente diferente segundo o repertório individual do leitor e seu contexto cultural. "Nem todo texto é livro. Livro é o registro, o que instrui porque significa. Aquilo que tem valor, sentido, expressão. Despertando revelando, traduzindo, relacionando." (PAIVA, 2010, p. 15).

O livro-objeto, base deste estudo, passou por um longo caminho evolutivo para chegar ao que é hoje, desbravando o desenvolvimento da comunicação e da escrita, passando por diversos suporte, desde as paredes das cavernas, os papiros egípcios, os pergaminhos, e os papéis, até chegar ao que conhecemos como livro moderno e enfim ao livro-objeto.

2.1. Origem, materiais e história

O livro com o conhecemos é fruto de um longo percurso histórico. O homem buscando meios de deixar seu vestígio no mundo utilizou a pintura nas paredes para registrar cenas do cotidiano, atividades de caça, símbolos de vida e de morte, dentre outros. O suporte para o desenvolvimento da escrita, desde as inscrições rupestres, evoluiu com a descoberta de novos materiais e meios de fabricação.

Os materiais utilizados para registro e pinturas foram diversos, desde as paredes das cavernas com as pinturas rupestres, os diversos tipos de pedras esculpidas, o uso da argila, as placas em cobre, bronze, latão marfim, cristal, ouro, madeira e até mesmo ossos. Por volta de 2200 a.C. os egípcios inventaram o papiro, "proveniente do caule da planta *Cyperius Papyru*, é apontada como sendo um dos mais antigos antepassados do papel" (OLIVEIRA, 2017, p. 19).

O papiro é um suporte complicado e caro para ser fabricado, por deman-

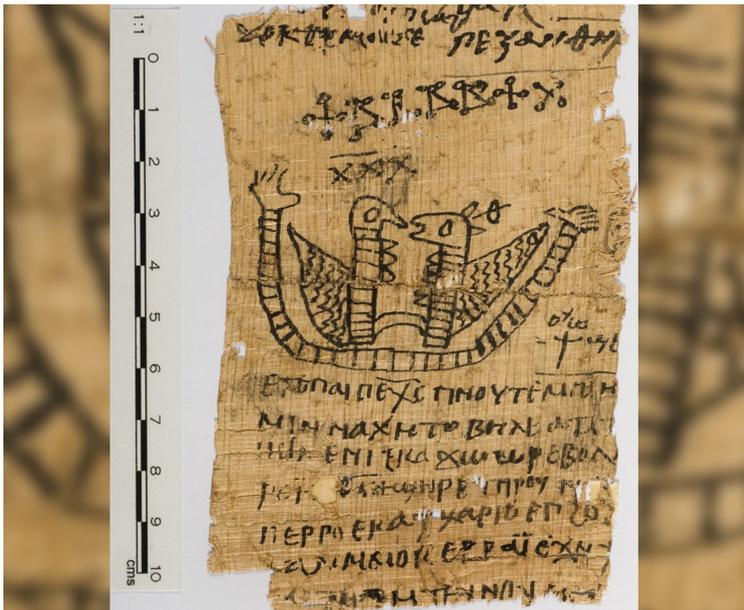


Figura 1 - Papiro decifrado carregava feitiço amoroso.
Fonte - revistagalileu.globo.com

dar muitas técnicas e etapas, e também por ser bastante delicado, possibilitando a utilização de escrita em apenas uma das faces. As folhas prontas eram coladas e enroladas, esse rolo era chamado de *volumen*.

Até o século I depois de Jesus Cristo o papiro ainda ocupava o primeiro lugar como suporte para o livro. Já a fabricação do papiro foi monopólio do Egito até o século XII. em outras partes do mundo o homem continuava servindo-se dos suportes pedra, metal, madeira, seda, vidro e, a partir de agora, da pele de animais. (PAIVA, 2010, p. 20)

Na busca por uma forma de substituição do papiro de controle egípcio, o rei de Pérgamo (Turquia) passa a usar pele de animal (cabra, bezerro, carneiro, cordeiro, antilope e avestruz) para a produção do pergaminho. Neste novo suporte, mais resistente, com menor tempo para produção e de baixo custo em comparação ao papiro, a escrita passa a ser empregada nas duas faces. Segundo Oliveira (2017), o pergaminho permitia uma maior maleabilidade facilitando o manuseio e a dobra.

Com o advento do pergaminho surge o *códex*, "livro composto por cadernos reunidos: folhas dobradas, empilhadas e atadas ao longo de uma das margens (HASLAM, 2010 apud OLIVEIRA, 2017, p. 21). O *códex* permite uma maior liberdade, podendo ser transportado com mais facilidade, e dando ao leitor a possibilidade de acessar as páginas desejadas com mais rapidez, e "ser produzido em formatos menores e mais amigáveis, passaram a poder alcançar grupos cada vez maiores de indivíduos de diferentes níveis sociais e culturais" (OLIVEIRA, 2017, p. 22).

Um papel feito de fibras vegetais, mais próximo ao que temos hoje, foi uma descoberta chinesa que remonta ao século II d. C., no entanto, só chega ao ocidente, através dos árabes no período que ocuparam a península ibérica, no século VIII. O papel traz com ele a possibilidade da rápida multiplicação dos manuscritos, pela facilidade na produção, substituindo assim, aos poucos, o uso do pergaminho.

Outra grande transformação do livro, foi associada a escrita, que se manteve por mil anos sob domínio da igreja, a grande e maciça massa de textos produzidos nesse período restringia-se a textos bíblicos copiados

e reproduzidos manualmente por monges. “O livro na Idade Média tinha essa qualidade quase mágica, espiritual, misteriosa aos que o liam ou não, só o viam” (PAIVA, 2010, p. 30).



Figura 2 - (esquerda) Escola de Segóvia, inferior de convento, século XVI.

Fonte - OLIVEIRA, 2017, p. 22.

Figura 3 - (centro) Canção de Walther von der Vogelweide, poeta lírico alemão. Codex Manesse.

Fonte - pt.wikipedia

Figura 4 - (direita) Iluminura do Codex Manesse. Conde Heinrich von Anhalt.

Fonte - www.ricardocosta.com

Os livros só foram ganhando novas temáticas, saindo dos textos bíblico para narrativas não litúrgicos, quando o acesso a leitura foi mais difundido. Um número maior de pessoas tiveram acesso ao aprendizado da leitura e da escrita, as escolas e universidades foram surgindo e com isso a necessidade de textos e livros para estudos.

O livro mantém-se fora do alcance do cidadão médio. por causa do analfabetismo, ainda reduzido números de universidades, concentração do saber, preço do livro, distribuição escassa, tiragens baixas, interesse difuso e dúvida com relação à função formadora do livro fora da religião, tal suporte era um luxo para poucos. (PAIVA, 2010, p. 39)

As técnicas para facilitar as cópias dos livros foram se tornando mais inventivas, as iluminuras e adornos para decoração das páginas, que antes eram feitos a mão , passam a ser produzidas através de xilografia, na

qual "a madeira esculpida é colocada em contato com a tinta e pressionada contra um folha" (2010, p. 41), possibilitando a rápida multiplicação das páginas dos textos. Segundo Paiva (2010), em 1451, na Alemanha, foi impresso o primeiro livro alemão com ilustrações de xilogravura.

Foi somente no século XV que

Gutenberg criou um novo mecanismo de impressão que foi divisor de águas para a reprodução de livros, utilizando caracteres ou 'tipos' móveis, fundidos em chumbo, que, ao serem combinados, formam palavras, linhas e páginas. (JEAN apud OLIVEIRA, 2017, p. 23)



Figura 5 - Johannes Gutenberg o primeiro editor europeu em sua oficina da cópia
Fonte - pt.dreamstime.com

Essa nova tecnologia possibilitou a disseminação do conhecimento para uma maior quantidade de pessoas. Os tipos móveis associado ao desenvolvimento do papel, permitiu a impressão muito mais rápida do que a de um copista, os livros ganharam versões de bolso com capas de couro, tamanhos e formatos variados. O turbilhão de novas tecnologias avança

rapidamente após a revolução industrial, no século XVIII iniciada na Inglaterra, e o livro que era item de luxo passa a ser elemento ao alcance de todos.

Hoje podemos encontrar livros de formatos, tamanhos, suportes e acabamentos diferentes, mas é nesse cenário que se encontra uma publicação com características que as diferencia como categoria, a do livro-objeto. O mercado editorial competitivo e as tecnologias gráficas vigentes permitem a produção de títulos de caráter cada vez mais experimental, e é nesse contexto que o livro-objeto ganha ressonância.

2.2. O livro-objeto

O livro-objeto é um tipo especial de publicação, que ultrapassa o conceito tradicional de livro e se instala na fronteira entre a literatura e o projeto visual. (OLIVEIRA, 2017, p. 28)

Paiva (2010) considera o livro como uma “expressão do pensamento humano, do desenvolvimento das técnicas e saberes” (p. 83), ela acredita que o livro “é uma revolução dirigida ao discurso e à permanência” (p. 83), e classifica os livros em: livro de leitura sequencial, livro obra de referência, livro digital ou e-book, livro raro, livro de arte, livro de artista, flip book, livro pop-up e livro fore-edge. Segundo a autora, o livro-objeto está dentro de livro de artista, pois explica que, “dos anos 1960 em diante a categoria livro de artista inclui o livro-objeto e o *livre-jeu*.” (p. 85).

Não há um consenso que classifique o livro-objeto e determine o que ele é, sua relação de pertencimento ao grupo do livro de artista, por vezes deixa bastante tênue os limites de cada um, Silveira (2008) acredita que o

[...] livro-objeto propriamente dito, normalmente peças únicas, fortemente artesanais ou escultórico, tendentes para o excesso, muitas vezes se comporta como metáforas ou livro, ou ao conhecimento consagrado, ou ao poder da lei. Ou ainda à perseverança formal. (SILVEIRA, 2008, p. 31)

No entanto, Weiss (2010) considera que os “livros-objeto adquirem várias

feições, ora aproxima-se do documental, ora do aspecto ficcional, ora evoca a memória, o esquecimento" (p. 1466).

Na busca por encontrar a origem do livro-objeto destaca-se a obra *Caixa Verde* (1934), de Marcel Duchamp (1887 - 1968). Os movimentos de vanguarda dos anos 1960 ocasionaram simultaneamente na Europa e nos Estados Unidos, expressões que levaram à construção/criação e exposição de livros de artistas, conseqüentemente de livros-objeto. Mas foi no início dos anos 1960, no Brasil, com o movimento dos poetas visuais e concretos que o livro-objeto ganha espaço, "transforma numa produção artística, com a narrativa livre e as páginas soltas convidativas ao manuseio. Obras consideradas transitórias porque a percepção narrativa muda a cada leitura." (ROMANI, 2011, p. 17).

Silveira (2008) relata que Moeglin-Delcroix (1985) aponta duas correntes heterogêneas para o livro-objeto, a

primeira é a que remonta aos poemas-objeto dos surrealistas e às encadernações de Georges Hugnet [...]. A segunda [...] se inspira nas colagens da *pop art*, nas acumulações do novo realismo e nas reutilizações da *art povera*, e seria um objeto em forma de livro, liberto da origem literária. (apud SILVEIRA, 2008, p. 41)

O livro-objeto pode ser pensado para ter apenas um exemplar, ser uma tiragem limitada, ou mesmo comercializado de forma mais ampla, com uma tiragem mais expressiva. Neste trabalho, considera-se fundamental para sua concepção a existência no mercado editorial, pois o livro-objeto é considerado aqui "um produto reproduzível de expressão artística, em que a narrativa é explorada pelo leitor por meio da manipulação, permitindo uma forma de leitura singular" (ROMANI, 2011, p. 17), assim a reprodutibilidade possibilita uma disseminação do conteúdo e uma maior abrangência de interlocutores com acesso ao livro-objeto.

A participação e interação do leitor é fundamental para que o livro-objeto se complete com tal, "o livro não mais visto como o suporte não envolvido, e sim como obra que conta sua história. [...] Lugar autossignificativo, com potencial para refletir seu próprio status estético e requer participa-

ção ativa do leitor" (PAIVA, 2010, p. 103).

O caminho apontado por Weiss (2010) em suas experimentações, em que "os livros-objetos adquirem várias feições, ora aproximando-se do aspecto documental, ora do aspecto ficcional, ora evocando a memória, o esquecimento ou ainda a marca que ficou" (p. 1466), lança uma luz a direção desejada para desenvolvimento do projeto. Desta maneira, busca o olhar sobre o livro-objeto que tem o leitor como principal construtor de significados.

2.3. Alguns exemplares

Dentro da concepção de Paiva (2010), em que o "livro-objeto exige a interlocução do leitor, o qual experimenta o conteúdo, formas, efeitos, funções, novas disposição espaço-temporal, sonoridade, deslocamento, limites, levezas e estranhamentos. A poética visual é o ponto forte do livro" (p. 17), seleciona-se alguns títulos para exemplificar o conceito do livro-objeto, com o intuito de levantar possibilidades de abordagem na construção de uma futura publicação nesta categoria editorial.

Dentre as primeiras experiências de livros e cadernos registrados e executados por artistas ao longo da história, destacam-se os cadernos de registro de Leonardo Da Vinci produzidos no século XV. Os cadernos dividem-se em o Codex Arundel, Codex Forster e o Codex Leicester,

o primeiro, é a segunda maior compilação de páginas que pertenceram a Da Vinci, [...] inclui os mais variados materiais, como tratados sobre mecânica ou o voo dos pássaros, desenhos de um aparelho para respirar debaixo de água, adivinhas, profecias e notas pessoais do seu autor. (SIPRIANO, 2018)

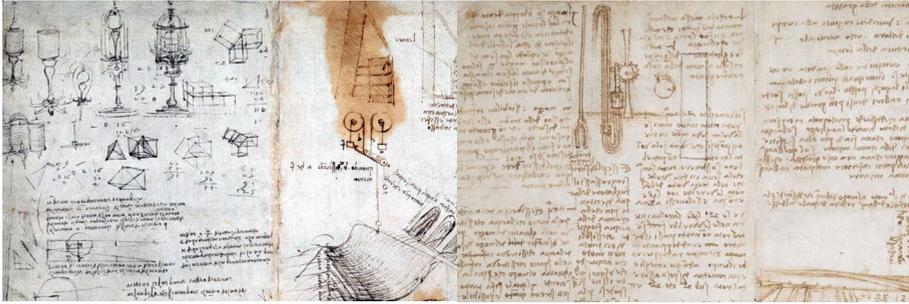


Figura 6 - Páginas do Codex Arundel de Leonardo Da Vinci.
Fonte - SIPRIANO (2018)

O livro-objeto *Caixa Verde* (1934) de Marcel Duchamp (1887 - 1968), é a junção de cópias de anotações e esboços do artista. A *Caixa verde* foi considerado uma aventura do artistas pelo campo dos "museus portáteis", e nesse livro-objeto Duchamp dá pistas, por meio de anotações de outras obras como *O Grande Vidro* (1915-1923).

As propostas das caixas de Duchamp (1887 - 1968), sendo a *Caixa verde* (1934) a mais famosa, desmistifica a reprodutibilidade da arte, com a produção seriada de suas anotações e trabalhos. Apesar desta obra estar no limiar entre arte/livro de artista/livro-objeto, a *Caixa verde* é encarado como um dos primeiros livros-objeto produzidos.



Figura 7 - Caixa Verde (1934) de Marcel Duchamp
Fonte - gramatologia.blogspot.com

O livro *Livro da Criação* (1959) da poeta/artista neoconcretista Lygia Pape (1927 - 2004), reúne imagens 30 x 30 cm que compõe uma narrativa poética, "o surgimento do mundo somente com formas e cores, sem palavras." (PAPE, 2012, p. 209). A única parte escrita no livro está na primeira página, com algumas palavras introdutórias que "indicam episódios da aventura do homem no mundo" (VENANCIO FILHO, 2012 apud PAPE, 2012, p. 220). No entanto, a narrativa se estabelece a partir da construção imagética feita pelo leitor, na qual a obra se completa com essa manipulação e interação.

O Livro é um romance. Deve haver entre suas páginas o elo dessa narração. Como pode o Livro narrar sem palavras? Pela própria mímica da imagem, pelo gesto do que construímos: o Livro é uma história em quadrinhos que se despiu das legendas. E que assim restando nuamente plástica, despiu-se mais ainda, e se livrou de qualquer figuração, ou no mínimo estilizou todas as suas figuras. (MERQUIOR, 2012, apud PAPE, 2012, p. 211)

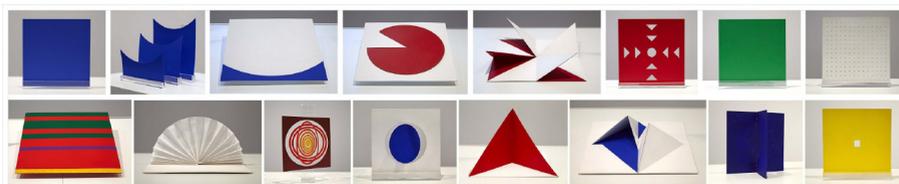


Figura 8 - O livro *Livro da Criação* (1959) de Lygia Pape
Fonte - www.museoreinasofia.es

O livro de artista intitulado *QUIETude* (2017) de Fabiola Notari (1985) e Márcia Gadioli (1965), é composta por uma caixa com duas propostas independentes que se complementam, uma encadernação e duas obras emolduradas. O uso da fotografia é explorada como eixo narrativo, assim como a sobreposição de imagens e linhas, que ao mesmo tempo que fornece unidade gráfica/linguagem transmite a percepção de movimento, propondo uma sensação de passagem de tempo, um tempo subjetivo, ao virar das páginas.

Márcia, desenha com a luz, captando em suas fotografias a fugacidade do instante em oposição à eternidade da ima-

gem. Fabiola, busca no instante as linhas da paisagem, as linhas que moldam o espaço que, traduzidas em monotípias representam, o efêmero da existência. (fonte: marciagadioli.blogspot.com)

As obras emolduradas podem ser livremente organizadas pelo observador, fazendo com que este interaja com o livro propondo o seu próprio caminho narrativo. A encadernação manual amarra sete monotípias monocromáticas no centro do caderno, e uma caixa reúne todos esses elementos. Assim, foram feitos três exemplares assinados pela artista e numerados com números arábicos.



Figura 9 - Livro-objeto *QUIETude* (2017) de Fabiola Notari e Márcia Gadioli
Fonte - marciagadioli.blogspot.com

O livro-objeto *Marcha Soldado* (2008) de Luise Weiss (1953) é uma narrativa composta de reproduções xerográficas colada em sanfona, com tamanho de 40 x 30 cm fechado. A artista explorou imagens fotográficas de arquivo familiar, datadas do período da Primeira Guerra Mundial, ela

trabalhou uma construção narrativa a partir de uma fotografia de soldados de pé em uma longa fila,

Olhando-a, a fila estendeu-se, alongou-se ao infinito. Uma fileira de soldados, uma linha do horizonte constituída por homens que, archando, encaminharam-se ao destino incerto. (Weiss, 2010, p. 1470)

O livro é construído em formato sanfonado na horizontal, evidenciando a imagem da fila de soldados que se estende por todo o livro. Essa escolha de formato não se apresenta ao acaso, a intenção é reafirmar a narrativa. A proposta de Weiss é que na medida em que se percorre as páginas/sanfona a fila continua a se prolongar dando a sensação de infinitude.

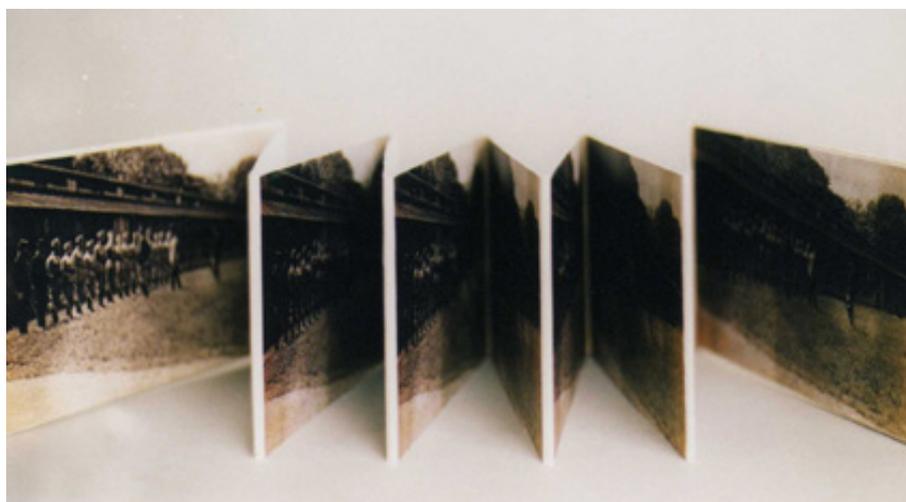


Figura 10 - O livro-objeto *Marcha Soldado* (2008) de Luise Weiss
Fonte - WEISS, 2010, p. 1470

Recortes e janelas (2009) de Luise Weiss, é construído a partir de imagens xerografadas recortadas, no tamanho 40 x 30 cm. O trabalho realizado pela artista explora a sobreposição de imagens formadas pelos recortes. O uso de retratos era o tema central para essa obra.

Resolvi juntar um montante de folhas de xerox recortadas e observei o conjunto: uma janela recortada deixava entrever um pedaço da outra imagem, e assim por diante. Um

pedaço de imagem transparecendo na janela vazada, um fragmento conduzindo para outro, e assim por diante. Ao folhear o livro, as janelas recortadas sucedem-se, entretanto, nunca se completa a imagem que permanece em aberto; sempre em aberto. (WEISS, 2010, p. 1469)



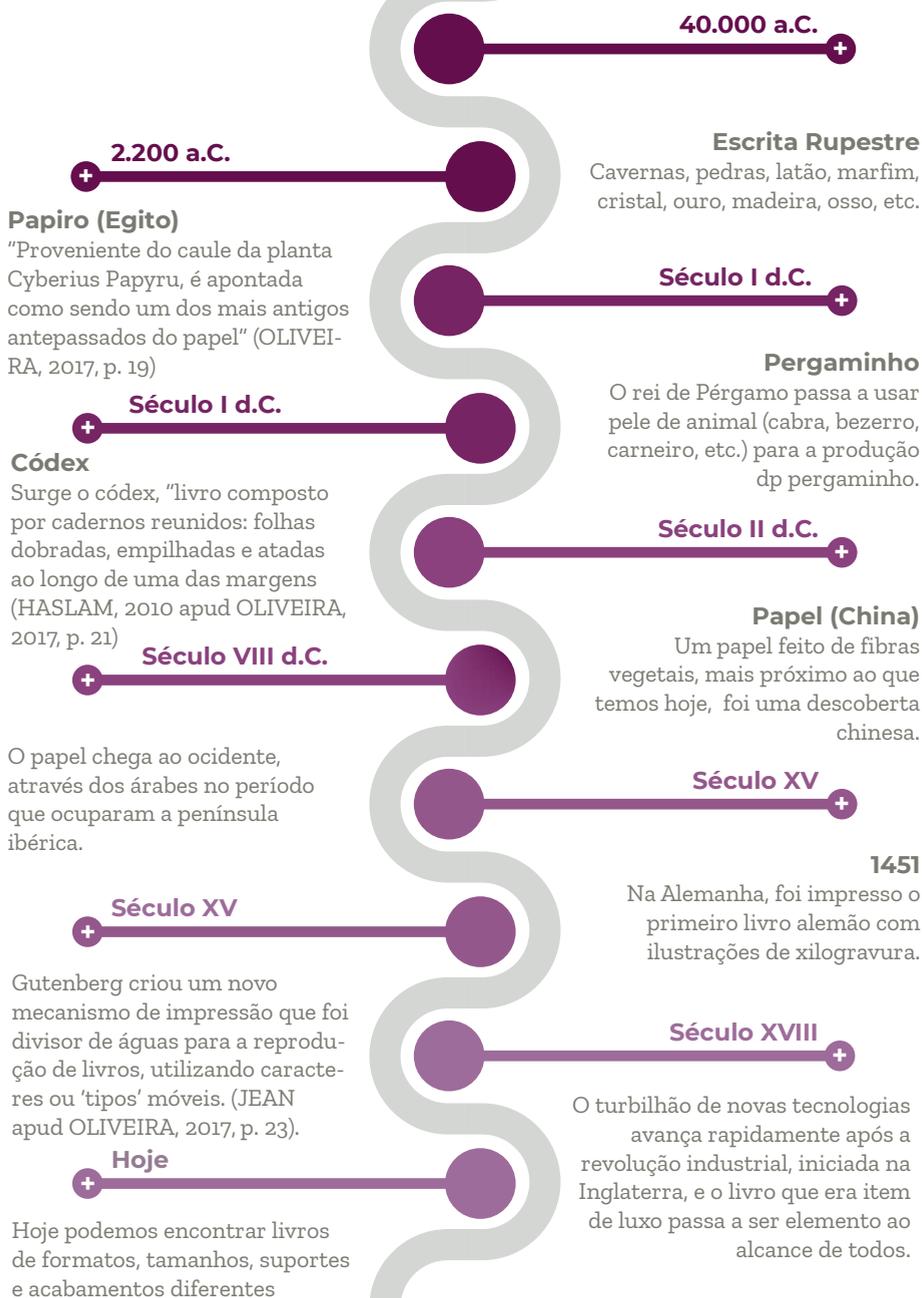
Figura 11 - O livro-objeto *Recortes e janelas* (2009) de Luise Weiss
Fonte - WEISS, 2010, p. 1468

Quadro de definições

LIVRO	"Livro é o registro, o que instrui porque significa. Aquilo que tem valor, sentido, expressão. Despertando revelando, traduzindo, relacionando." (PAIVA, 2010, p. 15)
LIVRO DE LEITURA SEQUENCIAL	"Ensaio, memória, romance, novela, poesia, teatro, história em quadrinho." (PAIVA, 2010, p. 84).
LIVRO OBRA DE REFERÊNCIA	"Anuário, dicionário, manual, enciclopédia, catálogo, guia, relatório, livro didático." (PAIVA, 2010, p. 84).
LIVRO DIGITAL	"É um livro em formato digital, que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs ou até mesmo celulares que suportem esse formato." (PAIVA, 2010, p. 84)
LIVRO RARO	"Entenda-se antigo, característico de um marco histórico precioso, representativo, esgotado, edição limitada, reduzido número de exemplares no mundo, referente, ornamental, de aspectos diferenciados." (PAIVA, 2010, p. 85)
LIVRO DE ARTE	"É toda obra que trata do assunto arte - conjunto dos princípios e técnicas característicos de um ofício ou profissão, campo dos conhecimentos humano relacionados à criação, movimentos artísticos, artes plásticas e manifestações estéticas, técnicas e habilidades humanas que registram as ideias e os ideais de cultura e etnias, experiências e práticas." (PAIVA, 2010, p. 85)
LIVRO DE ARTISTA	"Trata de um produto artesanal da arte contemporânea. É construído a partir de um modelo de suporte conhecido, o livro protótipo, ao qual reverencia, ora faz contraposição, enaltece, ora experimenta possibilidades de 'crise'." (PAIVA, 2010, p. 85)
LIVRO-OBJETO	"O livro-objeto é um tipo especial de publicação, que ultrapassa o conceito tradicional de livro e se instala na fronteira entre a literatura e o projeto visual." (OLIVEIRA, 2017, p. 28)
FLIP BOOK	"É o termo patenteado pelo inglês John Barnes, no século XIX, para designar um 'livro animado', de potencial narrativo 'sui generis'. Também chamado de cinema de polegar, cinema de bolso e cinema de mão." (PAIVA, 2010, p. 86)
POP-UP	"Livro que salta para fora, livro 'jump', que cria janelas de leitura inesperada, eloquentes." (PAIVA, 2010, p. 87)

Síntese cronológica

Desenvolvimento do livro impresso



2 DESIGN EMOCIONAL

O design emocional discute a relação construída entre os objetos e os usuários, a ativação de memórias, de afetos e de experiências, provocando um significado único para cada pessoa. A construção desses sentimentos podem ser desencadeados de diversas maneiras, seja pela forma, cheiro, fotografia, cor, ou mesmo pelo lugar em que estamos, ativando lembranças de experiências passadas ou construindo novas.

Diante deste entendimento, a proposta de construção de um livro-objeto que desperte a emoção e memória das pessoas, necessita da devida fundamentação para compreensão de como se desenvolve esse processo. Desta maneira, apresenta-se a seguir o que é a emoção, a memória, as relações de experiência e o vínculo emocional, bem como suas relações.

2.1. Emoção

A emoção é uma modificação física ou emocional causada por um estímulo externo, fazendo o ser humano reagir a um acontecimento. Essas reações podem se manifestar alterando a respiração, choro, transpiração, vermelhidão, batimentos cardíacos, tremores, dentre outros, como forma de manifestação a esses estímulos. Em decorrência disso, emoção ocorre de maneira diferente para cada indivíduo, pois os estímulos podem ser compreendidos de forma positiva ou negativa de acordo com a experiência vivenciada por cada pessoa, causando reações diversas dependendo da história de vida de cada um.

As emoções positivas são de importância fundamental para o aprendizado, para manter nossa curiosidade com relação ao mundo. Emoções negativas podem nos proteger do peri-

go, mas são as emoções positivas que fazem com que a vida valha a pena ser vivida. (NORMAN, 2008, p. 194)

A todo momento as pessoas se deparam com acontecimentos que podem gerar mudanças de emoções, e temos que lidar com essas mudanças, uma memória, um objeto, um lugar ou mesmo uma pessoa pode ser o gerador dessas novas emoções. "O sistema emocional humano desempenha papel essencial na sobrevivência, interação e cooperação e no aprendizado" (-NORMAN, 2008, p. 190). O autor explica que, são esses estopins de mudança emocional que nos auxilia nas decisões do dia-a-dia, conduzindo a caminhos que satisfarão o nosso emocional, desempenhando um papel fundamental no cotidiano, como nas avaliações de situações boas ou más, seguras ou perigosas.

Ao escolher um caminho a percorrer da escola para sua casa, por exemplo, um jovem pode pensar no caminho mais curto, pois é o trajeto mais lógico, no entanto, se ele já foi assaltado diversas vezes nesse caminho a sua decisão pode partir de fatores emocionais que o fazem escolher um percurso muito mais longo. "Não existem formas absolutas de desencadear reações emocionais nas pessoas, revelando que a relatividade da interpretação da experiência determina a emoção"(CACCIPOPO e GARDNER, 1999 apud COSTA e TONETTO, 2011, p. 134).

Norman (2008) relata que "somos criaturas sociais, biologicamente preparadas para interagir com outras, e a natureza dessa interação depende muito de nossa capacidade de compreender o estado de espírito dos outros."(p. 161), assim a tendência de perceber reações emocionais em qualquer coisa, faz com que o homem procure essas características em quase tudo que o cerca na tentativa de estabelecer vínculos.

2.2. Os três níveis do design emocional

A interação do indivíduo com o objeto muitas vezes é construída a partir de uma relação que o design não tem como prever, pois essa relação se estabelece com o tempo, ligando o objeto, a emoção e a memória.

Norman (2008) defende três diferentes níveis de estrutura do cérebro, que coincide com aspectos do design, o visceral, o comportamental e o reflexivo, "O design visceral diz respeito às aparências. [...] O design comportamental diz respeito ao prazer e à efetividade no uso. [...] o design reflexivo considera a racionalização e a intelectualização de um produto" (p. 25). Esses três níveis são bastante diferentes e têm exigências diversas dentro de um projeto,

O nível visceral é pré-consciente, anterior ao pensamento. É onde a aparência importa e se formam as primeiras impressões. O design visceral diz respeito ao impacto inicial de um produto, à sua aparência, toque e sensação. O nível comportamental diz respeito ao uso, é sobre a experiência com um produto. mas a própria experiência tem muitas facetas: função, desempenho e usabilidade. [...] É somente no nível reflexivo que a consciência e os mais altos níveis de sentimento, emoção e cognição residem. É somente nele que o pleno impacto do pensamento quanto a emoção é experimentado. (NORMAN, 2008, p. 56 - 58)

Costa e Tonetto (2011) acreditam que "as emoções que se desejava provocar poderiam, de fato, ser obtidas por meio de projetos." (p. 133). Apesar de ser descrito de forma isolada, um projeto leva em consideração todos os níveis de forma integrada, mesmo que um aspecto se sobressaia, os outros níveis estão presentes. "O design reflexivo cobre um território muito vasto. Tudo nele diz respeito à mensagem, tudo diz respeito à cultura, tudo diz respeito ao significado de um produto ou seu uso."(NORMAN, 2008, p. 107).

Na construção de um artefato leva-se em consideração o fato de que as pessoas são diferentes, e trazem consigo experiências diversas, para tanto "nenhum produto individual pode esperar satisfazer todo mundo"(-NORMAN, 2008, p. 59). Pois "com a grande gama de diferenças individuais, culturais e físicas entre as pessoas do mundo, é impossível que um único produto satisfaça a todos."(p. 60)

2.3. Relação do indivíduo com o objeto

Quando se fala em objetos, ou mesmo em livros-objeto, que construam uma relação emocional com o seu interlocutor, pensa-se em algo ligado a um elemento único e feito especialmente para aquele indivíduo. No entanto, a construção de um livro-objeto em tiragem, com elementos que provoquem uma relação emocional do indivíduo com o objeto, torna-se um desafio.

A relação entre produção em massa e o significado pessoal dos objetos, é colocada em questão por Norman (2008), que expõem alguns caminhos e pensamentos que norteiam a criação de artefatos com um design emocional. Ao pensar na construção de elementos que estabeleça vínculos emocionais com seu interlocutor e não somente seja feito sob medida, o autor relata que "as coisas não se tornam pessoais porque escolhemos algumas opções de um catálogo. Tornar uma coisa pessoal significa manifestar um sentido de propriedade, de orgulho. Significa ter um toque individualista." (p. 249)

A construção desse vínculo emocional pode ser estabelecido com a memória, no qual o objeto deve despertar uma história, que é construída a partir das interações evocando lembranças, e isso é o que importa, coloca Norman (2008). A memória configura-se como um forte elemento de vínculo emocional, abrindo um leque de possibilidades a serem explorados para a construção dessa relação do indivíduo com o livro-objeto. Costa e Tonetto (2011) acreditam que "a experiência emocional é uma das dimensões da experiência" (p. 133), e essas "emoções refletem nossas experiências pessoais, associações e lembranças." (NORMAN, 2008, p. 68).

Na experiência relatada por Norman (2008) do livro "The Meaning of things" de Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Rochberg-Holton,

Os objetos especiais se revelaram ser aqueles com recordações ou associações especiais, aqueles que ajudavam a evocar um sentido especial em seus donos. Todos os itens especiais evocavam histórias. Raramente o foco estava na

coisa em si: o que importava era a história, uma ocasião lembrada. (NORMAN, 2018, p. 68)

A memória proporciona uma relação com os objetos, que pode agir de forma positiva ou negativa, fazendo com que o indivíduo reaja emocionalmente a história que lembra desse objeto. Algumas vezes ele compra um objeto que em sua infância odiava, mas que no momento atual resgata essa memória da infância e de todo o contexto de uso. Assim, as relações de apego ocorre quando associamos significados às coisas, muitas vezes se tornam mais forte quando associadas a lugares, conforme explica Norman (2008) que, “nosso apego não é realmente com a coisa, é com o relacionamento, com os sentimentos que a coisa representa.” (p. 68).

É na memória que fica guardada, o conjunto de lembranças que muitas vezes são completadas pela imaginação, seja por falta de elementos, pelo tempo decorrido ou pela pouca idade, essas memórias sofrem lapsos e necessitam de auxílio, e é na imaginação que algumas vezes a memória se completa.

É essa localização entre o mundo sensível e o conceitual que caracteriza a imaginação que permite também o funcionamento da arte da memória enquanto dispositivo tradutório que ora traduz histórias em imagens, ora retrotraduz estas em novas falas ou textos. A arte da memória tem como um de seus movimentos básicos a transformação da história em uma escrita imagética e a sua legibilidade posterior. (SELIGMANN-SILVA, 2006, p. 38)

2.4. O registro fotográfico

A fotografia, “pela própria natureza, marca um instante, uma fração de tempo congelado” (WEISS, 2010, p. 1467), ela destaca-se como forte elemento emocional, gerando gatilhos ativadores de memória. “As fotografias, mais do que quase qualquer outra coisa, possuem um especial apelo emocional: elas são pessoas, elas contam histórias” (NORMAN, 2008, p. 70). Em uma fotografia se pode encontrar diversas narrativas escondidas, histórias sendo contadas, memórias esquecidas e personagens prontos para serem conhecidos.

As fotografias são claramente importantes na vida emocional das pessoas. [...] Sua presença confortadora mantém os laços da família, mesmo quando as pessoas estão separadas. Elas asseguram a permanência das lembranças e com frequência são passadas de geração em geração. (NORMAN, 2008, p. 72)

A narrativa pode e é muitas vezes centrada na fotografia, construindo uma história apoiada em uma escrita visual que possibilita a reconstrução de memórias não vivenciadas pelos indivíduos que as manipulam. A captura de um instante específico permite o acesso a uma narrativa visual que se completa com a imaginação do observador. No entanto, Aguiar (1997) apud WEISS (2012) ressalta que ao procurar na memória o passado, tal qual ele era, não tem como ser reencontrado de modo completo, pois ele já passou, e o que fica são as "imagens gravadas na memória e ativadas por ela num determinado presente." (p. 1418).

A artista plástica Luise Weiss desenvolveu uma série de livros-objeto envolvendo memória a partir de fotografias, explorando o instante congelado nas imagens fotográficas utilizadas. Para a artista "a fotografia transita entre documentação, denúncia e registros de passagem de tempo ou ação" (WEISS, 2010, p.1466), evocando memórias.

Weiss (2012) relata que construiu um livro-objeto a partir da curiosidade levantada pelos pertences encontrados de Pepi (figuras 12 e 13), um soldado morto na Segunda Guerra, as fotografias proporcionaram uma narrativa para o livro. Ela levanta questionamentos acerca das memórias e vivências que são perdidas com o passar do tempo.

Os pertences de Pepi deram origem a diversos trabalhos de Weiss desenvolvidos a partir das fotografias, um deles foi "um livro-objeto, montado em forma de sanfona, que segue a narrativa da carta; a marcha (uma primeira parte), as lutas, as batalhas e as mortes (no final)." (WEISS, 2012, p. 1419). Segundo a artista, o mais importante para a construção de seus artefatos, dentre eles alguns livros-objeto, foram os objetos arquivos, como ela chama o conjunto de documentos, cartas, cartões-postais, pequenos objetos, "testemunhos de um cotidiano comum, de pessoas simples." (p. 1419)



Figura 12 - Pintura do soldado Pepi (2012) de Luise Weiss (esquerda)
Fonte - WEISS, 2012, p. 1419



Figura 13 - O livro-objeto *A caixa de Pepi* (2012) de Luise Weiss (direita)
Fonte - WEISS, 2012, p. 1419

2.5. Design e experiência

A manipulação de artefatos pelo usuário pode desencadear, de imediato ao longo do tempo, experiências emocionais ligando esse indivíduo ao objeto. Essa ligação pode se dar de forma imediata quando o objeto ativa memórias, estabelecendo um vínculo rápido, pois as experiências já estavam embutidas nas memórias ou podem surgir ao longo do tempo, sendo construídas a partir de novas interações. Para isso o design de ser encarado como “uma arte produtiva que concebe planos e implementa ambientes e que, como tal, sempre esteve preocupada com (e tem um relacionamento com) as experiências emocionais dos indivíduos” (FREIRE, 2009, p. 39).

Cada vez mais o mercado lança artefatos, livros, jogos, dentre outros, que vão além das suas funções primárias, e propõem uma experiência ao usu-

ário, construindo ao longo das interações um repertório de memórias emocionais ligadas a esses artefatos. O design está cada vez mais presente neste centro de propostas para uma experiência diferenciada entre objeto e usuário, levando a uma "maior conscientização sobre o processo, as implicações e os resultados do design" (FREIRE, 2009, p.39).

No contexto do livro, a experiência muitas vezes se propõem a romper a barreira convencional da interação entre o livro e o leitor, e investem em uma experiência única. A diretora de arte Eliane Ramos (2013) descreve, a seguir, duas experiências de produção de livros conduzidas por ela, na editora Cosac Naify, em que a interação com o leitor provoca uma experiência única.

O primeiro foi o projeto do livro *Bartleby, o escrivão* (2005) (figura 14) que propõe "aprofundar o diálogo entre forma e conteúdo, incluindo o suporte como linguagem" (RAMOS, 2013, p.98). O livro foi pensado para ter costuras nos dois lados (lombada e lado oposto), assim, num primeiro momento o leitor necessita retirar a costura para abri-lo e no segundo momento, precisa utilizar um marcador plástico para rasgar as páginas do miolo e finalmente ter acesso ao conteúdo.



Figura 14 - Livro *Bartleby, o escrivão* (2005), de Herman Melville
Fonte - Ramos (2013)

Já o segundo, o livro *Urgente* (2010) (figura 15), pertencente a categoria dos livros de artista, foi pensado para ter apenas 30 exemplares e feito de forma artesanal, sendo produzido com papel heliográfico colocado dentro de um envelope vedado. Para abrir o livro o leitor precisa destacar as extremidades e deparar com o papel fotossensível revelando seu conteúdo em sua abertura.



Figura 15 - Livro *Urgente* (2010), de Elaine Ramos e Maria Carolina Sampaio
Fonte - elaineramos-estudiografico.com.br

Nos dois exemplos, observa-se uma experiência única do leitor com o livro, pois ao descosturar e rasgar as páginas, assim como presenciar a revelação no momento da primeira abertura do livro. O leitor jamais terá a mesma experiência com ele, nem um leitor posterior, a ação de interação nestes livros é única e só restará na memórias dos que vivenciaram o momento.

3 DESIGN, LUGAR E CIDADE

O lugar pode ser compreendido “onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico.” (DALCIN; LIMA; BARROS, 2018, p.06). Assim como, agrega característica climáticas, estilo de vida de seu habitantes, elementos do patrimônio material e imaterial, a sua história e memórias dos indivíduos que por ele passaram.

Em uma abordagem de estudo que leve o conceito de lugar para o centro de discussão, o design traz à dimensão material e imaterial como base de sua argumentação, entendendo que

design é uma atividade criativa que tem como objetivo estabelecer as múltiplas qualidades dos objetos, processos, serviços e seus sistemas em todo o seu ciclo de vida. Portanto, o design é um fator central para a humanização inovadora das tecnologias e um fator crucial para a troca econômica e cultural. (ICSID, 2005 apud KRUCKEN, 2009, p. 43)

Neste sentido, acredita-se que o desenvolvimento de projetos de design que proporcionem um novo olhar para o lugar, ressaltando a história, a experiência e a identidade, fortifica as relações entre pessoa e lugar. Pois, o reconhecimento dos elementos contido nesse, proporciona a mudança no olhar, tanto do morador e trabalhador local, como dos visitantes que por ali passam, fazendo com que eles construam relações, valorizem as memórias e as experiências geradas no local, passando a transformar o seu entorno. Lynch (2011, p. 01) coloca que, as pessoas formam associações com alguns lugares da cidade em que vivem, pois “a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”.

O presente trabalho tomará dois caminhos para compreender o lugar. A pesquisa de Dalcin, Lima e Barros (2018), que trata do lugar associado

a elementos afetivos, simbólicos, de pertencimento e espaço vivido, e o estudo de Lynch (2011), que destaca elementos para a construção de uma imagem da cidade. Essas são as linhas de discussão escolhidas para o entendimento do lugar, que serão aplicadas na construção narrativa do livro-objeto.

3.1. O lugar

Conhecer o lugar valorizando as memórias presentes no espaço e compreender a força de sua história e experiência, possibilita a construção de um ponto de ligação, para conexões socioespaciais. Pois, quando existe familiaridade com o espaço, este se torna lugar. "O estudo do lugar deve levar em conta a possível abordagem do lugar enquanto o seu espaço físico, ressaltando a identidade do lugar, ou então as experiências dos indivíduos com o lugar, no qual as subjetividades humanas terão maior ênfase." (DALCIN; LIMA; BARROS, 2018, p. 05).

Assim, compreende-se que o reconhecimento de valor de uma cidade ou mesmo um bairro, pode ser do ponto de vista do próprio morador, identificando suas raízes e passando a diferenciar o lugar como fonte de histórias, cultura e memória. Como também do ponto de vista dos visitantes, que distinguem os elementos identitários presentes na produção comercial e cultural do lugar, passando a reconhecer nele o conjunto de elementos sócio-culturais agregados à sua história.

As histórias e memórias de cada indivíduo, constroem a subjetivamente do lugar, pois este está ligado ao contexto das ações e aos eventos humanos, a partir da experiência e valorização, segundo Tuan apud Dalcin, Lima e Barros (2018). Para Melo (2006), o lugar pode ser mítico ou concebido, sendo o mítico aquele que mesmo que não tenho sido experienciado concretamente, constrói-se uma versão idealizada alimentada pelo desejo de ter um contato direto. Já o lugar concebido "é aquele construído a partir das experiências de outras pessoas com o lugar, e relatadas de forma a construir um referencial de espaço" (MELO apud DALCIN; LIMA; BARROS, 2018, p. 06)

Para Santos (2006), o lugar pode ser construído como memória, nesse sentido, o valor emocional deve ser destacado, para o desenvolvimento deste projeto, na medida em que esse emocional tem um caráter subjetivo, e está ligado às percepções sensoriais e o sentimento envolvido no consumo do livro-objeto, assim como, "incorpora, ainda, a dimensão 'memorial', relativa a lembranças positivas e negativas de acontecimentos passados" (KRUCKEN, 2009, p. 27).

Na medida em que a experiência, a memória e a história estão ligadas ao livro-objeto, o leitor passa a ser parte do processo de construção, estimulando uma valorização do lugar. O ciclo comunicativo se efetiva com a experiência do indivíduo com o resultado final, e "o produto deve ser visto, portanto, como uma construção coletiva ao longo da produção e da distribuição, conectando produtores e consumidores" (KRUCKEN, 2009, p. 30).

3.2. O olhar e a cidade

Associado aos elementos anteriores de compreensão acerca da subjetividade do lugar por meio de valorização de memórias, destaca-se o olhar sobre o espaço, as características e elementos espaciais contidos na paisagem da cidade e a relação do indivíduo com o lugar para a construção de narrativas, histórias, experiências e memórias. Lynch (2011) acredita que

a cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às seqüências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. (LYNCH, 2011, p. 01)

Nesse sentido, o olhar que cada indivíduo tem da cidade é única, assim como expressado anteriormente em relação ao conhecimento do lugar. Pois, trazem com elas as lembranças e experiências individuais de cada um.

A imagem da cidade é dividida por Lynch (2011) em cinco elementos, as vias, os limites, os bairros, os pontos nodais e os marcos, dessa maneira, o autor define as as Vias como locais habituais de circulação das pessoas; os Limites como fronteiras entre duas áreas distintas; os Bairros como regiões da cidade que podem possuir características comuns; os Pontos Nodais como pontos que ganha importância por concentrar elementos para a locomoção e orientação das pessoas; e os Marcos como referências física, como por exemplo, edifício, loja, ou montanha, facilitando a orientação das pessoas.

Os elementos citados acima, contribuem para uma melhor compreensão do lugar estudado, na medida em que conseguimos identificar esses pontos através da experiência das pessoas que habitam ou trabalham no lugar. Ao entender que, cada indivíduo identifica o espaço e os elementos levantados por Lynch (2011), a partir de suas interações, histórias e memórias, o entrevistado poderá colaborar com suas experiências pessoais na construção narrativa do livro-objeto.

Neste trabalho, optou-se em adotar o conceito de "Bairro" de Lynch (2011), que aparece com características específicas para sua distinção, podendo ter variações em muitos componentes, como: "textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de construção, usos, atividades, habitantes, estados de conservação, topografia" (LYNCH, 2011, p. 75). Dessa forma, esses componentes ajudarão a entender as peculiaridades do bairro estudado, no caso a Ribeira. Os pontos identificados possibilitarão ressaltar os elementos específicos que o fortalece enquanto lugar.

Os habitantes e pessoas que interagem com esse lugar, são aqui considerados ponto de extrema importância na construção das relações com o ambiente, sabendo que,

É bem verdade que precisamos de um ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico. Ele deve falar dos indivíduos e de sua complexa sociedade, de suas aspirações e suas tradições históricas, do cenário natural, dos complexos movimentos e funções do mundo urbano. (LYNCH, 2011, p. 132)

Além das interações das pessoas, o conhecimento de sua história na tentativa de buscar compreender como se deu às relações e transformações espaciais, emocionais e culturais, proporciona alicerce para a valorização de um lugar. Assim, a cidade de Natal e o bairro da Ribeira tem um percurso histórico que deve ser considerado neste estudo.

3.3. Natal, a cidade dos Reis Magos

Natal surgiu a partir da intenção Portuguesa de expulsar os franceses do litoral brasileiro, que cada vez mais eram presença constante na região. No dia 25 de dezembro do ano de 1597 as tropas armadas vindas de Pernambuco, chegam no litoral do Rio Grande do Norte, e começaram a construção de uma fortaleza para proteger a Barra do Rio Grande, como era chamado o território naquela época. A Fortaleza dos Santos Reis, hoje Fortaleza dos Reis Magos, foi inaugurada dois anos depois, no dia 06 de janeiro de 1598, e por isso levou esse nome em referência ao dia de Reis, data de encerramento do ciclo natalino.

No ano de 1599, já com status de cidade, os limites são demarcados e Natal é fundada. Para início da construção foi escolhido o ponto mais alto e plano das terras, onde hoje se localiza a praça André de Albuquerque, assim "Natal nasce no atual bairro da Cidade Alta, à margem direita do Rio Potengi, se expandindo posteriormente para o bairro da Ribeira" (SANTOS, 2015, p.104). A vista privilegiada do Rio Grande (rio Potengi) e seu encontro com o mar, facilitava a percepção de qualquer aproximação de embarcações (figura 16).

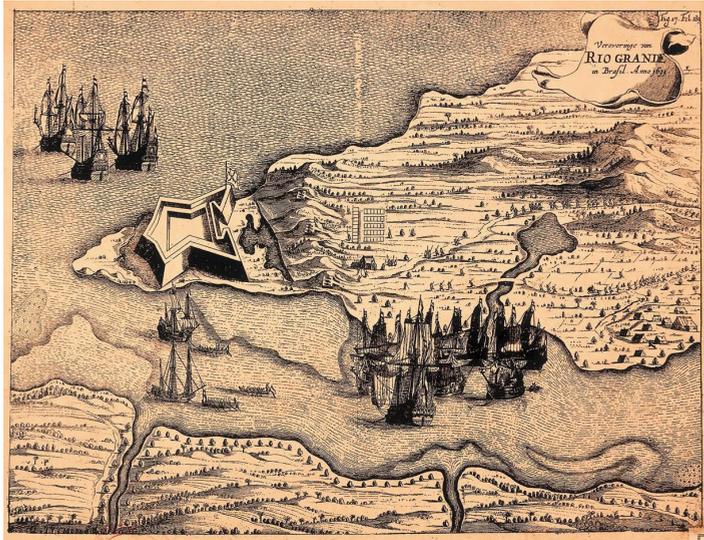


Figura 16 - A barra do Rio Grande (Potengi), em 1633, a Fortaleza dos Reis Magos; à direita e um conjunto de casas representando a cidade.
Fonte: CARVALHO NETO (2009)

A cidade tinha poucos quilômetros de extensão, localizava-se onde hoje é parte da cidade alta, e para a delimitação foi colocado duas cruzes, uma na atual Praça das Mães e a outra na praça da Santa Cruz da Bica, onde fica o Baldo. Natal demorou a se desenvolver, "com quinze anos de vida, a cidade do Natal do Rio Grande tinha nome maior que número de moradores" (CASCUDO, 2010, p.51), tendo uma Igreja Matriz, um pelourinho e poucas casas.

Em 1633, os holandeses invadiram e ocuparam Natal, mudando o seu nome para Nova Amsterdã, e somente em 1654, os portugueses retomam a cidade e Natal nunca mais muda de nome. A cidade permanece com estrutura colonial com pouco avanço urbano até o começo do século XIX.

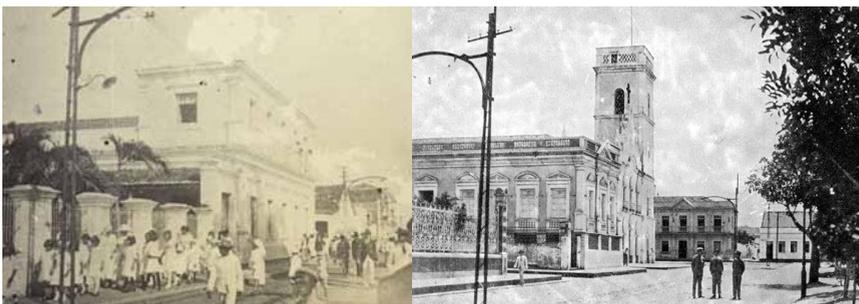


Figura 17 - (esquerda) Rua da Conceição, Cidade Alta, Natal/RN no começo do século XX

Fonte - potiguarte.blogspot.com

Figura 18 - (direita) Instituto Histórico do RN e Igreja de N. S. da Apresentação, fotografia do começo do século XX.

Fonte - potiguarte.blogspot.com

O período compreendido entre 1900 e 1930 (figuras 17 e 18) se caracterizou como um momento de muitas mudanças, no qual a elite natalense da época buscando um ar moderno para acompanhar o desenvolvimento das grandes cidades como Paris e Rio de Janeiro, empreendem uma série de transformações na malha urbana (figura 19), abrindo ruas e construindo novas áreas habitacionais, e assim

[...] a implantação de uma Cidade Nova acontece. Localizada nos atuais bairros de Tirol e Petrópolis, a Cidade Nova contribuiu para a caracterização deste período e pela então classificação de Natal como 'cidade moderna'. (SANTOS, 2015, p.107)

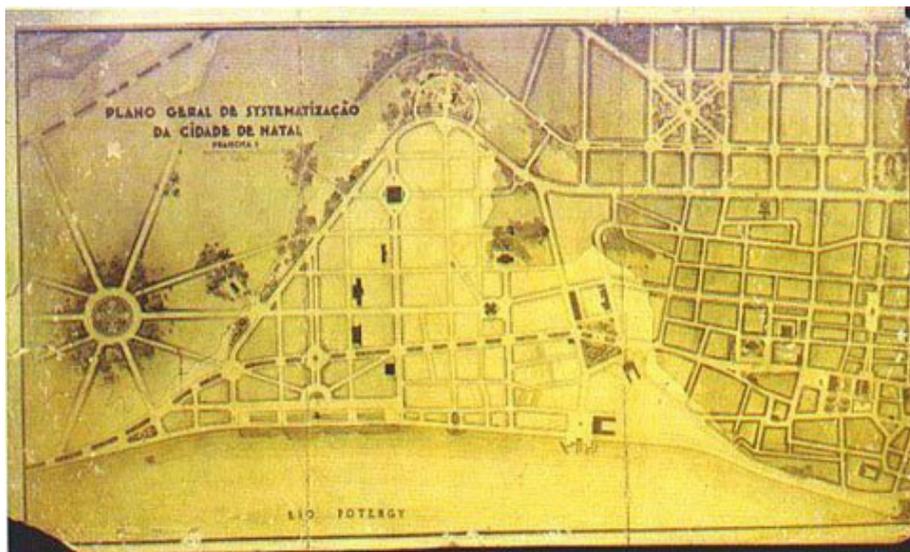


Figura 19 - Plano geral de sistematização de Natal (1929)

Fonte - Cruz (2010)

Outro período marcante para a cidade foi durante a Segunda Guerra Mundial, pela localização estratégica sendo o ponto mais próximo da América à África, quando Natal foi escolhida para abrigar duas bases americanas, uma naval e uma aérea em Parnamirim, que na época era um distrito da cidade (figura 20). Os investimentos aplicados na capital para receber um povoamento de 10 mil soldados americanos impulsionou o desenvolvimento local e quase dobrou a população. Os natalenses passaram a usar novas expressões e a consumir produtos importados como comidas enlatadas, coca-cola, ketchup, óculos de aviador e calças jeans, diversificando a cultura e modernizando a vida cotidiana.

Como existia o receio de que os alemães quisessem tomar Natal, exatamente pela localização privilegiada, os combatentes também precisavam tomar conta do litoral. O medo era de que os nazistas chegassem a Natal em submarinos. (HOLDER, 2012)



Figura 20 - Desfile de tropas americanas e brasileiras em Natal (1943)

Fonte - lcfaco.blogspot.com

Ao término da guerra, Natal sofreu uma pequena crise por falta do capital antes circulante na cidade, mas aos poucos a capital do Rio Grande do Norte retomou seu ritmo pacato. O turismo passou a ser um caminho de investimento, como forma de desenvolvimento da economia local, e se tornou um dos destinos mais procurados do Nordeste segundo o G1 (globo.com), conhecido como "Natal, a Cidade do Sol". Hoje, a cidade tem uma população de aproximadamente 875 mil habitantes, de acordo com dado do IBGE (2017).

3.4. Ribeira

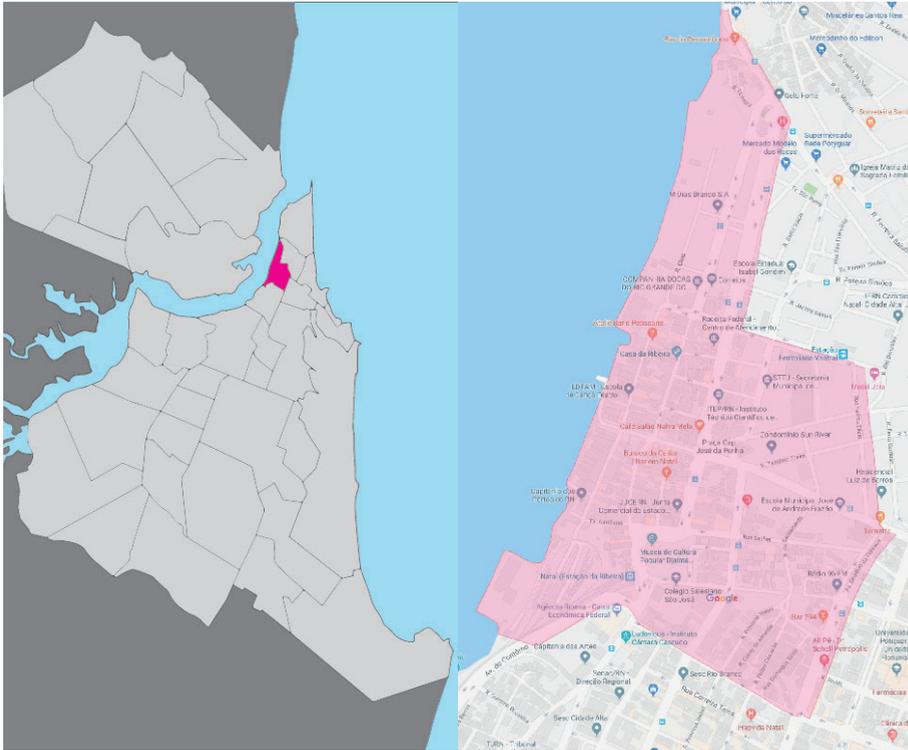


Figura 21 - (esquerda) Delimitação de Natal com destaque da área da bairro da Ribeira
Fonte - Autora

Figura 22 - (direita) Mapa Ribeira

Fonte - GoogleMaps.com

A Ribeira estava no caminho que ligava o Forte dos Reis Magos à Cidade Alta, e é nesse contexto que o bairro surge. Cascudo (2010) explica que o bairro foi chamado de "Ribeira porque a Praça Augusto Severo era uma grande campina alagada pelas marés do Potengi. As águas lavavam os pés dos morros. Onde está o teatro Carlos Gomes tomava-se banho salgado em fins do século XIX." (p. 178). O autor descreve que o terreno era bastante ensopado, pantanoso e enlameado, e nas marés altas de janeiro apenas algumas partes ficavam secas (figuras 23 e 24).

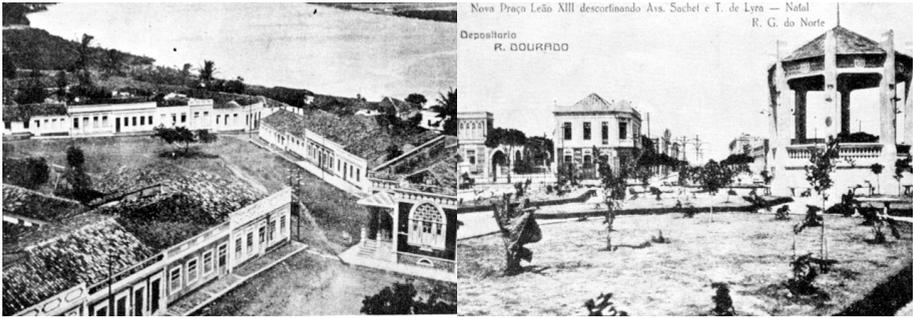


Figura 23 - (esquerda) Bairro da Ribeira no final do século XIX e início século XX.

Fonte - curiozzzo.com

Figura 24 - (direita) A atual praça José da Penha, em frente à Igreja do Bom Jesus das Dores, data, provavelmente do século XVIII.

Fonte - curiozzzo.com

O povoamento da área se deu lentamente, segundo Cascudo (2010) a Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores já existia em 1776, mas não se sabe a exata data de sua construção. Já as edificações eram localizadas nas ruas Doutor Barata, Chile e General Glicério, constituídas de armazéns para estocagem de mercadorias que eram transportadas para Pernambuco. Neste sentido, o bairro se desenvolveu com o comércio, e foi o açúcar e o algodão os principais produtos impulsionadores do bairro.

A Ribeira ficou toda orgulhosa e deu para zombar da Cidade Alta. Creio que por esse tempo surgiu a rivalidade acesa e os apelidos para os moradores dos dois bairros, canguleiros para Ribeira e xarias para a Cidade Alta. (CASCUDO, 2010, p. 182)

O tráfego de pessoas entrando e saindo da cidade passava pelo bairro, com a chegada de navios que ancoravam na Ribeira. Além disso, a Estação de trem inaugurada em 1881 e situada na praça Augusto Severo contribuía para a circulação constante de pessoas. Em 1911, com a chegada da luz elétrica na cidade, os bondes elétricos (figura 25) começam a circular, movimentando assim a vida social do lugar.



Figura 25 - Bonde elétrico passa pelo cruzamento das avenidas Duque de Caxias e Tavares de Lira

Fonte - nos.rn.gov.br

Ainda em 1898, o Teatro Carlos Gomes, hoje Teatro Alberto Maranhão (figura 26 e 27), começou a ser construído, nesse mesmo ano um galpão de armazenamento de açúcar na rua do Comércio, atual rua Chile, passa a exibir pela primeira vez, filmes em Natal, assim com apresentações de espetáculos teatrais. Segundo Fernandes (2015), o bairro da Ribeira se torna, no final do século XIX, a região mais importante da cidade.

Quando estava findando o século XIX, em 1898, o natalense da Ribeira levava uma vida romântica, mas numa cidade cujo movimento comercial e alguns empreendimentos culturais não deixavam cair na rotina. (FERNANDES, 2015, p.11)

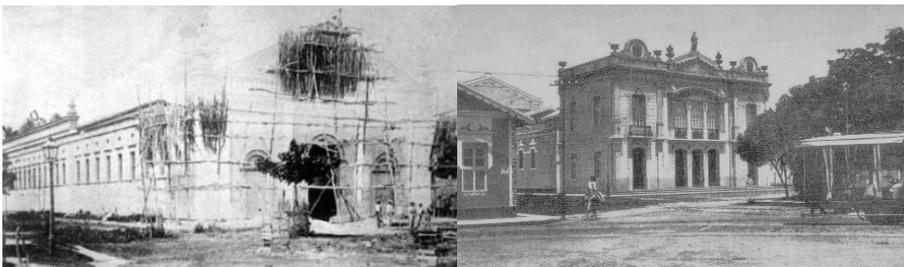


Figura 26 - (esquerda) Construção do Teatro Carlos Gomes (1898).

Fonte - Filipe Mamede (2007)

Figura 27 - (direita) Teatro Carlos Gomes, atual Teatro Alberto Maranhão, finalizada a construção na década de 1910.

Fonte - tokdehistoria.com.br

No final do século XIX e começo do século XX o bairro cresceu, e para isso alguns pontos foram aterrados. Padarias, praças, barbearia, alfaia-taria, loja de tecido, escolas e muito mais foram construídos na região, mas somente em 1935 uma segunda via ligando a cidade alta a Ribeira foi construída. "Alagadiços foram transformados em praças e jardins, tornando-se espaços de sociabilidade e lazer. O calçamento e abertura das ruas permitiram mais dinamismo à vida urbana e consolidaram a Ribeira como bairro comercial" (SANTOS, 2015, p.104).

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Ribeira fervilha com a quantidade de pessoas circulando na cidade. A noite os cabarés funcionavam, muitas vezes, na parte superior dos comércios e enchiam-se de frequentadores animados (figura 28). O Grande Hotel, na descida da Avenida Rio Branco com a Tavares de Lira, é lembrado pela população como um lugar movimentado e ocupado por pessoas importantes naquele momento histórico.



Figura 28 - Garçom natalense servindo americanos
Fonte - Holder (2012)

A segunda metade do século XX marca o crescimento da cidade e o deslocamento do comércio. O bairro da Ribeira vai perdendo sua movimentação e imponência, caindo em num período de abandono e esquecimento, "o sentimento de nostalgia, a crônica e a memória se mistura na percepção da Ribeira como parte fundamental - e viva - da história de Natal" (FERNANDES, 2015, p.15).

A decadência do bairro perdura até os anos de 1990. Os projetos *Fachadas da Rua Chile* e *Viva Ribeira* (figura 29), que propunham a revitalização e restauração de fachadas que iam do largo da rua Chile até o encontro desta com a Tavares de Lira, propondo a abertura de bares e pubs para alavancar a vida cultural do bairro, começam a despertar uma valorização da Ribeira em relação ao seu patrimônio. Em 2010, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN] delimita o conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico, que constitui grande parte dos bairros da Cidade Alta e Ribeira, que passam a fazer parte do circuito histórico da cidade como perímetro do patrimônio histórico de Natal.

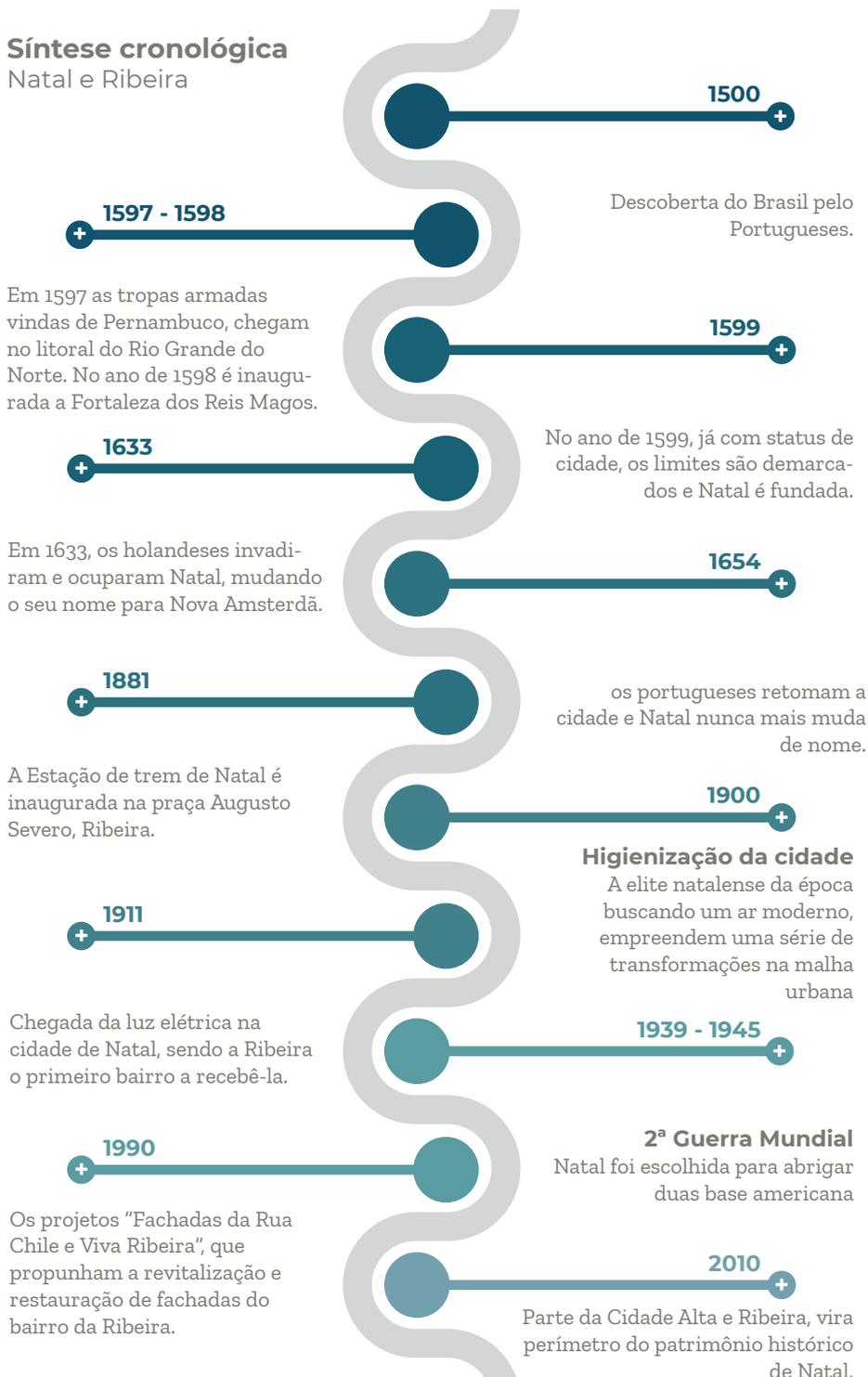


Figura 29 - Largo da Rua Chile, Ribeira, década de 1990.
Fonte - Medeiros (2016)

Atualmente o bairro é reconhecido pelo valor histórico e pelos projetos artísticos e culturais, tais como *Circuito Cultural Ribeira*, *Centro Cultural DoSol*, *Buraco da Catita* e outros. Após a revalorização, a Ribeira passa a abrigar espaços alternativos de espetáculos, ateliês, bares e teatros, movimentando a vida cultural e possibilitando o envolvimento das pessoas com o lugar.

Síntese cronológica

Natal e Ribeira



PROJETO DO LIVRO-OBJETO

contextualização, motivação e metodologia

4.1. Contextualização e motivação do tema do projeto

Um livro que algumas vezes tende para o excesso, como acredita Silveira (2008), aproxima-se do documental para Weiss (2010) e é considerado por Paiva (2017) um tipo especial de publicação, o livro-objeto vem sendo, há algum tempo, tema constante de minhas pesquisas. As possibilidades narrativas, que ultrapassam os limites do livro formal, construindo uma relação com o leitor, assim como, os materiais, as formas e os mecanismos de construção desses livros, se tornaram elementos com forte potencialidade para exploração em um trabalho de investigação prática. Dessa forma, ao escolher um caminho para este TCC, o livro-objeto se tornou o ponto inicial do estudo.

O mercado editorial em Natal é bastante reduzido, como poucas publicações, em sua maioria livros tradicionais, sem clareza editorial. Assim a perspectiva de construção de um livro-objeto, me parece numa primeira aproximação bastante ousada, no entanto, a possibilidade de investir neste segmento de mercado possibilita visualizar projetos futuros que envolva o coletivo no qual eu faço parte.

O coletivo Mão de Lula (Figura 30) foi constituído em 2018 por quatro estudantes do curso de design da UFRN, com experiências anteriores na produção de impressos independentes, em atividades de empreendedorismo e com um olhar inovador para o mercado local. Juntos, os quatro, projetam e vendem artefatos gráficos autorais (cadernos, postais, broches, livretos, adesivos, cartões, entre outros produtos) (Figura 30). A intenção do coletivo é explorar o mercado editorial com

publicações de zines, livros artesanais, podendo abraçar o projeto do livro-objeto desenvolvido neste trabalho, como ponto de partida desta exploração.



Figura 30 - Componentes do Coletivo Mão de Lula
Fonte - Arquivo Mão de Lula

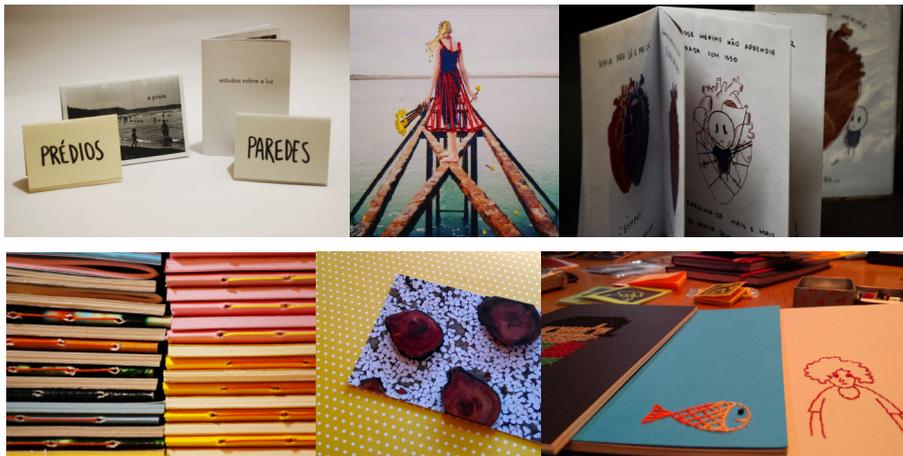


Figura 31 - Artefatos gráficos produzidos pelo Coletivo Mão de Lula
Fonte - Arquivo Mão de Lula

Além disso, a pesquisa envolvendo livro-objeto foi sendo maturada durante a graduação em disciplinas como Oficina de Processos Gráficos II

domingos na Rua da Casa², as festas na Rua Chile e os espetáculos de rua no largo da Rua Chile. Os anos de frequentadora do bairro me proporcionaram, várias apresentações na Casa da Ribeira e no Alberto Maranhão, tardes e noites de balé na Escola de Dança do teatro Alberto Maranhão [EDTAM], com especiais perspectivas do pôr-do-sol no rio Potengi pelas janelas do prédio da escola de balé que ficava na Rua Chile.

Assim, a Ribeira é tanto para mim quanto para artistas, frequentadores e moradores, um lugar instigante, território dos teatros, balés, fachadas, edificações antigas, dos trilhos para lugar nenhum. E com tantos elementos impulsionadores de curiosidades, este lugar que guarda histórias não contadas, memórias no limite do esquecimento e narrativas escondidas nos becos sujos e fedidos, esperando para serem conhecidas, se torna a escolha para a exploração dessa pesquisa.

Ao propor um novo olhar sobre o bairro e fortalecer as ligações emocionais dos indivíduos que transitam pela Ribeira, este projeto levanta relatos pessoais, selecionando histórias que não se encontram sistematizadas em livros, na tentativa de que essas narrativas não se percam, assim como, que proporcione uma mudança no olhar, fazendo com que os leitores construam relações, valorizem as memórias e as experiências geradas no local, passando a transformar o seu entorno. A partir desse intuito, elegeu-se como público leitor prioritário os jovens adultos e adultos da cidade, ao considerar a valorização do lugar, suas histórias e memórias do bairro.

4.2. Metodologia

Para o desenvolvimento de um projeto de design é necessário determinar uma metodologia a ser adotada e estabelecer etapas para que os caminhos a seguir estejam claros em seu encadeamento. Neste projeto de

2 Projeto desenvolvido pelos idealizadores da Casa de Ribeira, como diversas atrações para atrair o público para o lugar, assim com, arrecadar dinheiro para a construção do teatro.

construção de um livro-objeto, foram adotadas algumas etapas. Fuentes (2006) coloca que a identificação do problema, deve ser o ponto inicial de todo processo.

A metodologia escolhida foi adaptada de Munari (1981) se adaptando no decorrer do processo para que melhor se adequasse às necessidades do trabalho. Atrrelado a ela, foram escolhidos algumas ferramentas de projeto, são elas: entrevistas, pesquisa visual, pesquisa exploratória, brainstorming, mapa mental e moodboards.

A sequência das etapas se divide em três bases norteadoras e estas se subdividem da seguinte forma, PROBLEMA (problema, definição do problema, definição e reconhecimento dos subproblemas, coleta de dados, análise dos dados), CRIATIVIDADE (criatividade, pesquisa de materiais, experimentação, geração de modelos, verificação e desenho construtivo) e SOLUÇÃO.

Essas etapas estavam abertas a serem revistas, a partir das tomadas de decisão, podendo ser requerido o retorno para alguma, dependendo da avaliação do processo.

PROBLEMA

- * Problema - Construção de uma narrativa visual sobre o bairro da Ribeira que desperte uma experiência única para o leitor.
- * Definição do problema - Explorar memórias e emoções de trabalhadores e pessoas que apresentam uma ligação com o bairro da Ribeira..
- * Definição e reconhecimento dos subproblemas - Estudar os elementos fundamentais para a construção e proposição de um livro-objeto; Pesquisar o design emocional buscando elementos que subsidiem a construção do livro-objeto; Entender o contexto histórico e cultural do bairro da Ribeira; Levantar elementos do estudo de lugar auxiliando na valorização do bairro; Elaborar os procedimentos que envolvam a memória, o

emocional e o lugar, para desenvolver um livro-objeto.

- * Coleta de dados - Pesquisa exploratória, visual e revisão bibliográfica para compreender os seguintes tópicos: livro, livro-objeto, design emocional, memória e experiência, design e lugar, a imagem da cidade, história de Natal e história do bairro da Ribeira. Depoimentos de moradores e frequentadores da Ribeira através de conversas temáticas.
- * Análise dos dados - Análise do material coletado na etapa anterior e sistematização dos dados em forma de mapa, gerando assim a escolha do tema. Análise dos gerados da fase subsequente de criatividade, para tomada de decisão.

CRIATIVIDADE

- * Criatividade - Utilização de brainstorming para geração de mapa mental, moodboards e geração de conteúdo visual e narrativo.
- * Pesquisa de materiais - Pesquisa de materiais para o suporte do livro-objeto.
- * Experimentação - Testes de formatos e materiais; definição do formato do livro-objeto; construção da narrativa; escolha dos elementos construtivos.
- * Geração de modelos - Execução de modelo impresso.
- * Verificação - Identificação de problemas a partir de modelos impressos.

SOLUÇÃO - Protótipo final do livro-objeto.

5

Desenvolvimento do livro-objeto

5.1. Roteiro de entrevista

O roteiro das entrevistas foi construído a partir das proposições de Krucken (2009), como uma via para a valorização de produtos locais. No entanto, os pontos foram adaptados para o contexto do projeto.

As entrevistas foram realizadas na fase de coleta de dados e tiveram uma abordagem qualitativa. Foi utilizado um celular para gravar, papéis, lápis e fotografias. Foram selecionadas pessoas que apresentavam uma forte ligação emocional como o bairro, alguns moradores e frequentadores, com intuito de coletar material para a construção narrativa do livro-objeto. A escolha dos entrevistados ocorreu por indicação de pessoas próximas a autora e a realização se deu de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

A seguir, apresenta-se os gatilhos propostos por Krucken (2009) para a valorização do território e relacionados ao projeto:

- * RECONHECER - Para reconhecer as qualidades dos produtos e do território, deve-se reconhecer: sua história, elementos paisagísticos, estilo de vida dos moradores, espírito do lugar, elementos do patrimônio material, elementos do patrimônio imaterial e economia regional;
- * ATIVAR - Para ativar as competências situadas no território, podem-se desenvolver projetos de design e de produtos;
- * COMUNICAR - Comunicar o produto com o território ressaltando as qualidades locais, linguagem acessível, dimensão cultural de forma explícita e não explícita;

- * PROTEGER - Para proteger a identidade local, deve-se valorizar e proteger o patrimônio material e imaterial;
- * APOIAR - Apoiar a produção local, levando em conta a tradição e a inovação;
- * DESENVOLVER - Para desenvolver novos produtos e serviços que respeitem a vocação e valorizem o território, levam-se em consideração a conscientização, a sensibilização e a qualidade de vida;
- * PROMOVER - Para promover sistemas de produção e de produtos sustentáveis, destacam-se a vocação, os recursos e as competências;
- * CONSOLIDAR - Para consolidar redes no território, podem-se compartilhar essas redes, pois valoriza a produção, a pesquisa, o valor e a qualidade.

Com base nesses pontos, foram destacados elementos consonantes com o projeto, e construída perguntas centradas nos objetivos do trabalho, para um melhor resultado em relação a memória, experiência e valorização do território.

Roteiro semiestruturado

1. Nome, idade, escolaridade, profissão?
2. Mora ou trabalha na Ribeira? Onde? Há quanto tempo?
3. Descreva como era a Ribeira na sua infância ou quando veio morar ou trabalhar no bairro. De quando são essas memórias?
4. Que histórias pessoais ou de amigos você lembra que ocorreram na Ribeira?
5. Quais as suas lembranças das atividades culturais e comerciais ocorridas no bairro?
6. Quais os lugares no bairro você considera mais importantes? Por quê?
7. Como você descreveria a Ribeira para alguém que não a conhece?
8. Existe alguma coisa na Ribeira que você não se lembra de ter em nenhum outro lugar ?
9. O bairro tem museus, teatros, galerias, feiras, o que mais você destacaria?

10. Você acha que o bairro é bem cuidado (as ruas, os prédios, etc)?
11. Quem são as pessoas que visitam a Ribeira?
12. O que você considera mais importante no bairro? Antes era assim? O que mudou?
13. É fácil para os visitantes conhecer e circular na Ribeira?
14. Existem informações sobre o bairro em algum lugar por aqui?

5.2. Protocolo de pesquisa

Uma entrevista de validação foi realizada, com apenas uma pessoa, como forma de experienciar o funcionamento do questionário proposto e entender se haverá necessidade de ajustes para a fase subsequente.

A entrevista foi realizada no dia 02 de maio de 2019, com Ivelise Gonzaga de Sousa, 68 anos, segundo grau completo, aposentada. Ela trabalhou na Ribeira de 1984 a 1994, no INAMPS, atual Centro Clínico Dr. José Carlos Passos.

Durante essa entrevista foi realizado um percurso (figura 33) saindo da Caixa Econômica Federal, cruzando a Praça Augusto Severo, seguindo pela Rua Duque de Caxias, dobrando na Esplanada Silva Jardim e seguindo até a Rua Chile, de lá seguiu-se pela Av. Tavares de Lira entrando na rua Dr. Barata e passando por trás da praça Augusto Severo, retornando ao porto de saída. O percurso durou aproximadamente trinta minutos.

Neste protocolo foi utilizado um gravador para que se pudesse ser registrada as perguntas e respostas, no entanto, isso causou um grande incômodo à entrevistada, que por diversas vezes parava de falar ao ver o gravador. Outro ponto negativo identificado no teste foi o incômodo por estar caminhando por um lugar que ela julgava ser perigoso.

Durante a caminhada Ivelise tentava lembrar precisamente o que era cada lugar que passávamos, mesmo explicando que o importante eram as lembranças e histórias que os lugares despertavam em sua memória. Ela continuava se limitando a relatar aspectos mais convencionais dos lugares e poucos elementos pessoais surgiram durante o percurso. No entanto, ao voltar para o carro e fazer o caminho de volta para casa, ela foi acrescentando histórias que sua família contava. A seguir, descrevem-se alguns elementos narrados pela entrevistada.

- Quando era criança ia para a Ribeira com o pai, pois ele trabalhava no correio que ficava na Rua Chile, um prédio alto com uma grande escada. De 1962 à 1964, ele foi diretor geral dos Correios e passou a trabalhar no Prédio Central que fica até hoje na Rua Frei Miguelinho, e só saiu de lá quando foi preso no início da Ditadura Militar de 1964;
- O prédio do INAMPS ficava cheio de gente para se consultar, formavam-se filas imensas, e os moradores de rua vendiam lugares na fila, causando muita confusão;
- Quando chovia era impossível de trabalhar, pois a água ia até o joelho das pessoas. Um dia desses de chuva, ela mesma chegou bem perto de ser sugada por um bueiro escapando somente por ter ajuda de amigos;
- Muitas vezes vinha para a Ribeira, e pegava a Lancha na Rua Tavares de Lira para atravessar para a praia da Redinha;

- No porto ela vinha com uma vizinha, quando criança, acompanhada de outras tantas, para visitar os navios de passageiros que paravam em Natal, "Era uma festa" (Ivelise). Lembra também e trazer a tia para o porto, pois ela ia viajar para o Rio de Janeiro;
- O trem ia para Angicos, Macau, e demais cidades saía da estação e todos desciam para a Ribeira para embarcar. Destacou uma história em que sua avó, que se preparava bem antes para viajar para Angicos, chegou bem cedo à estação e lá percebeu que estava sem a saia, apenas com a anágua (saia que as mulheres usam sob o vestido ou saia de baixo).

Após avaliação da entrevista, percebeu-se que a forma de condução necessitava de ajustes. Desta maneira, as entrevistas mediadas subsequentes sofreram mudanças, avaliando assim, caso a caso a abordagem, dependendo da disponibilidade do entrevistado para caminhar pelo bairro ou se havia a necessidade de permanecer em num lugar fixo. Obteve-se assim, uma abordagem menos impositiva, permitindo que eles ficassem mais à vontade para contar suas histórias.

Para tanto, foram estabelecidas conversas temáticas com pessoas previamente selecionadas, escolhidas por indicação de antigos moradores do bairro, como também, por terem uma relação emocional com o lugar, seja pelos anos trabalhados, por já terem morado ou mesmo frequentado a Ribeira.

5.3. Coleta de dados

O desenvolvimento do livro partiu das conversas temáticas com cinco pessoas previamente selecionadas. Foram agendados quatro momentos distintos para coleta de dados, com duração de aproximadamente 1h30, no local de moradia ou no trabalho dos participantes. Cabe ressaltar que somente um dos partícipe se dispôs a caminhar pelo bairro e falar de suas memórias, sendo esta uma ação livre.

Todos os depoimentos foram gravados por meio do celular da autora. Além disso, utilizou-se como material de apoio os seguintes itens: um mapa do bairro impresso em folha A3, papel em branco, canetas coloridas e 44 fotografias da Ribeira (figura 34), retratando o bairro em diversos períodos históricos, algumas destas obtidas recentemente pela autora e outras encontradas na internet. Esses elementos foram aplicados de maneira distintas para cada participante, assim os procedimentos de uso serão relatados junto a cada depoimento.

Os registros (apontamentos no mapa, relatos de histórias, identificação de lugares por meio das fotos) nesses depoimentos foram sistematizados em quadros e em mapas, elencando os principais pontos de interesse para o trabalho. Tendo em vista o objetivo da coleta de dados, optou-se pela não transcrição dos depoimentos na íntegra.



1

2

3

4

5



6

7

8

9

10



11

12

13

14

15



16

17

18

19

20



21

22

23

24

25



26

27

28

29



Figura 34 - Fotografias utilizadas na realização dos depoimentos.
 Fonte - Acervo da autora

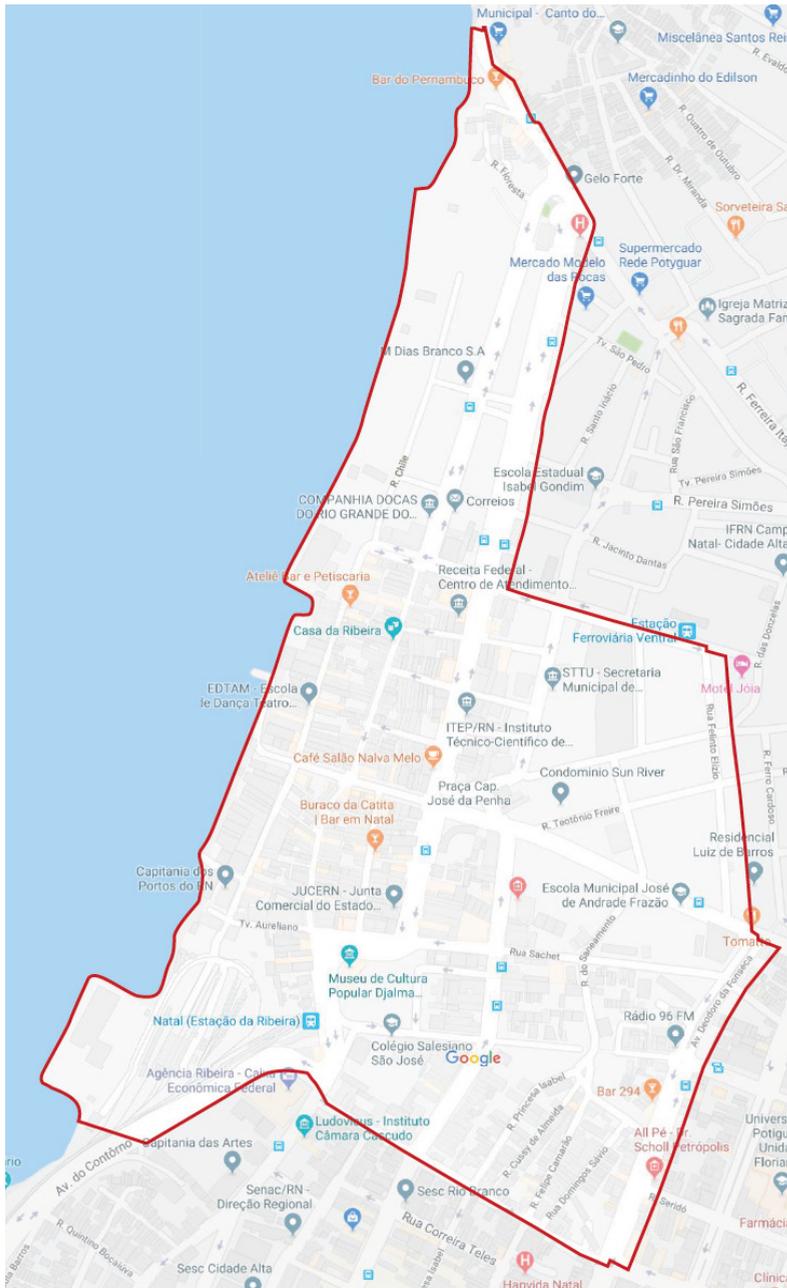


Figura 35 - Mapa de apoio utilizado nos depoimentos.
Fonte - Imagem do google maps e adaptada pela autora.

Depoimento 1

Cleia (78 anos) veio do interior do estado para morar em Natal em 1952 e foi estudar em um grupo escolar na Ribeira, como o seu pai trabalhava no bairro ela transitava bastante pelo lugar. O seu primeiro emprego foi no bairro, assim como outros subsequentes, mantendo sempre uma relação com o lugar.

A conversa com Cleia³ ocorreu na casa da mesma que fica no bairro de Petrópolis, em Natal. Na mesa da cozinha, as fotografias foram espalhadas e o mapa do bairro da Ribeira foi colocado, assim como as canetas e o papel, com celular ligado foi esclarecido o objetivo da atividade. Cleia olhou algumas fotos, e a partir do reconhecimento dos lugares, falou de suas memórias. Ela fez um breve relato de sua trajetória no bairro, desde estudos até os diversos trabalhos por onde passou, amigos e momentos de diversão.

³ Para preservar a identidade dos participantes, adotou-se nomes fictícios ou pseudônimos.

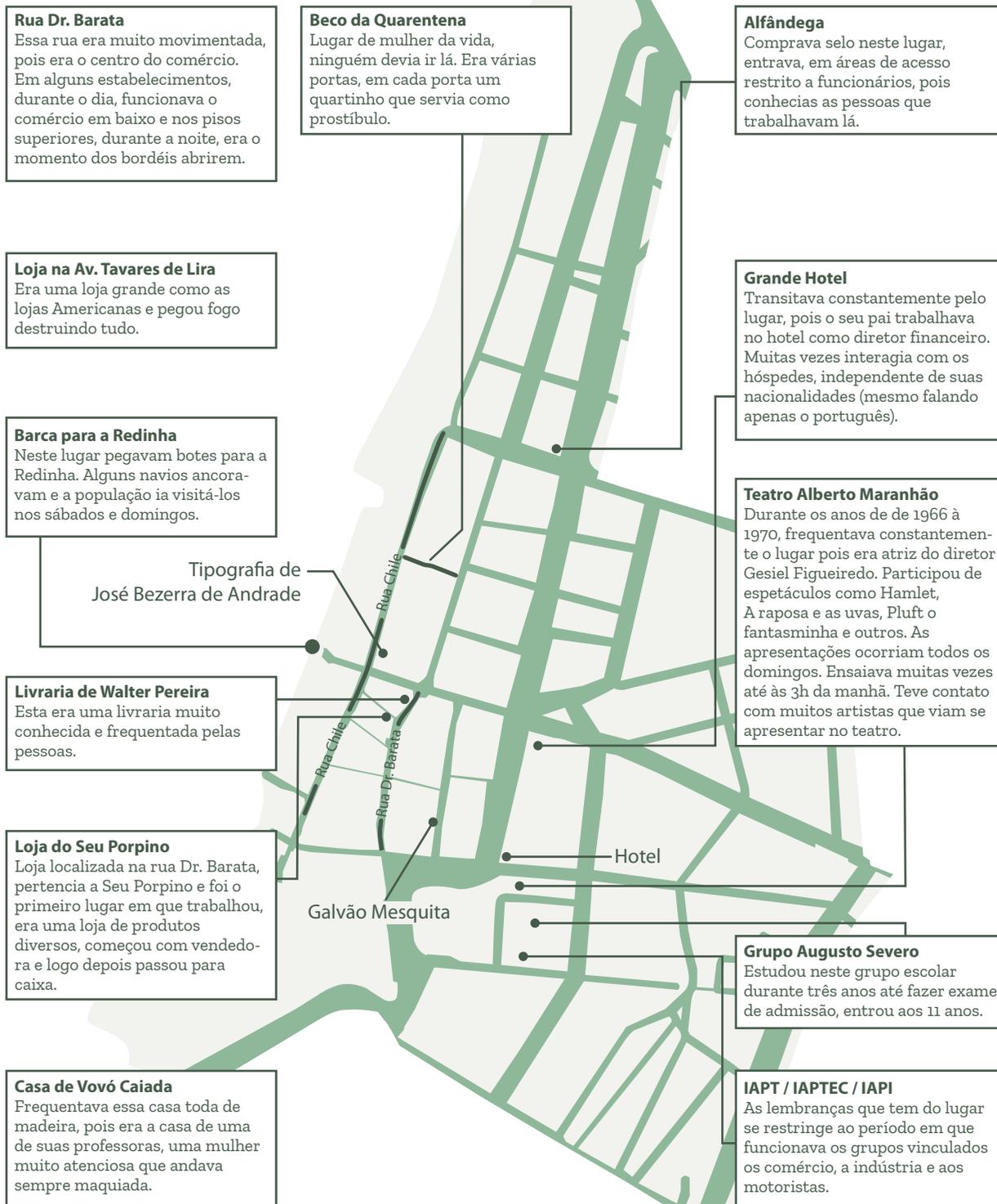


Figura 36 - Pontos identificados por Cleia no mapa com breve descritivo extraído do relato.
Fonte - Imagem da autora.

Depoimento 2

Neto (77 anos) e Jailza (75 anos) conversaram na sala de sua casa, no bairro de Neópolis em Natal. O celular foi colocado para gravar, enquanto eles olhavam as fotos uma por uma, o mapa aberto com as canetas a disposição. A cada fotografia observada surgia um comentário e a descrição de como eram ou onde ficavam. O mapa foi utilizado algumas vezes na tentativa de localizar os lugares relatados. Jailza completava as memórias de Neto, ajudando a relembrar situações e lugares específicos.

Aos 17 anos Neto foi trabalhar na Ribeira, e permaneceu no bairro até se aposentar, trocando apenas de órgãos de serviço. Jailza acompanhou a história do bairro como frequentadora, tendo também o seu pai trabalhando no lugar por muitos anos.

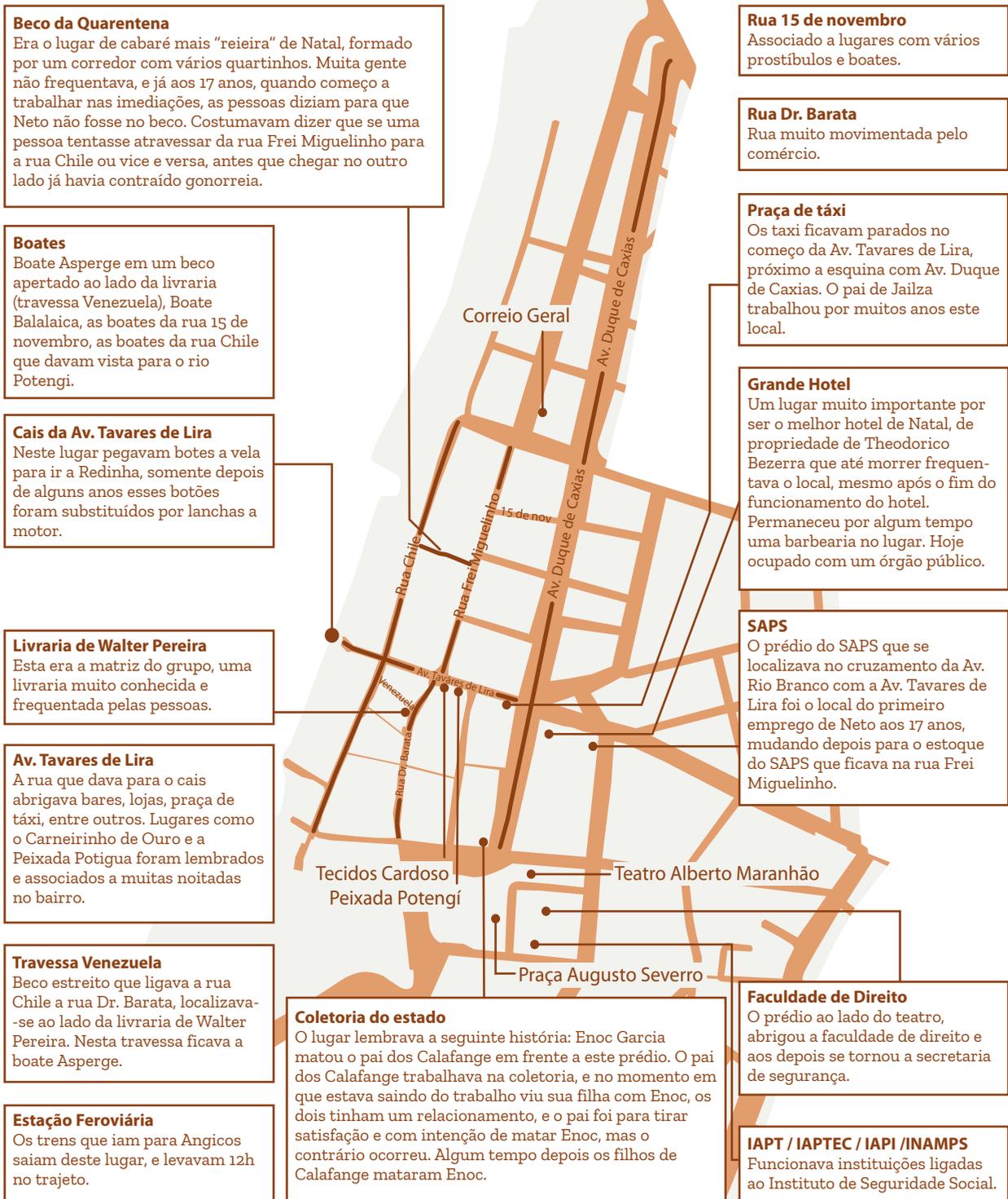


Figura 37 - Pontos identificados por Neto e Jailza no mapa com breve descritivo extraído do relato.
Fonte - Imagem da autora.

Depoimento 3

O bar localizado na rua Frei Miguelinho sem número, foi o ambiente da conversa com Dona Chica, a proprietária do bar. Enquanto ela cozinhava o celular foi ligado registrando os relatos dessa moradora e trabalhadora da Ribeira, as fotos e mapa não foram utilizados em decorrência da situação.

Dona Chica (50 anos) veio do interior para a capital em meados dos anos de 1980, e foi trabalhar no bar das bandeiras na rua Chile, morou por muitos anos no prédio em frente onde hoje fica localizado o seu estabelecimento, e há 32 anos permanece no bairro.

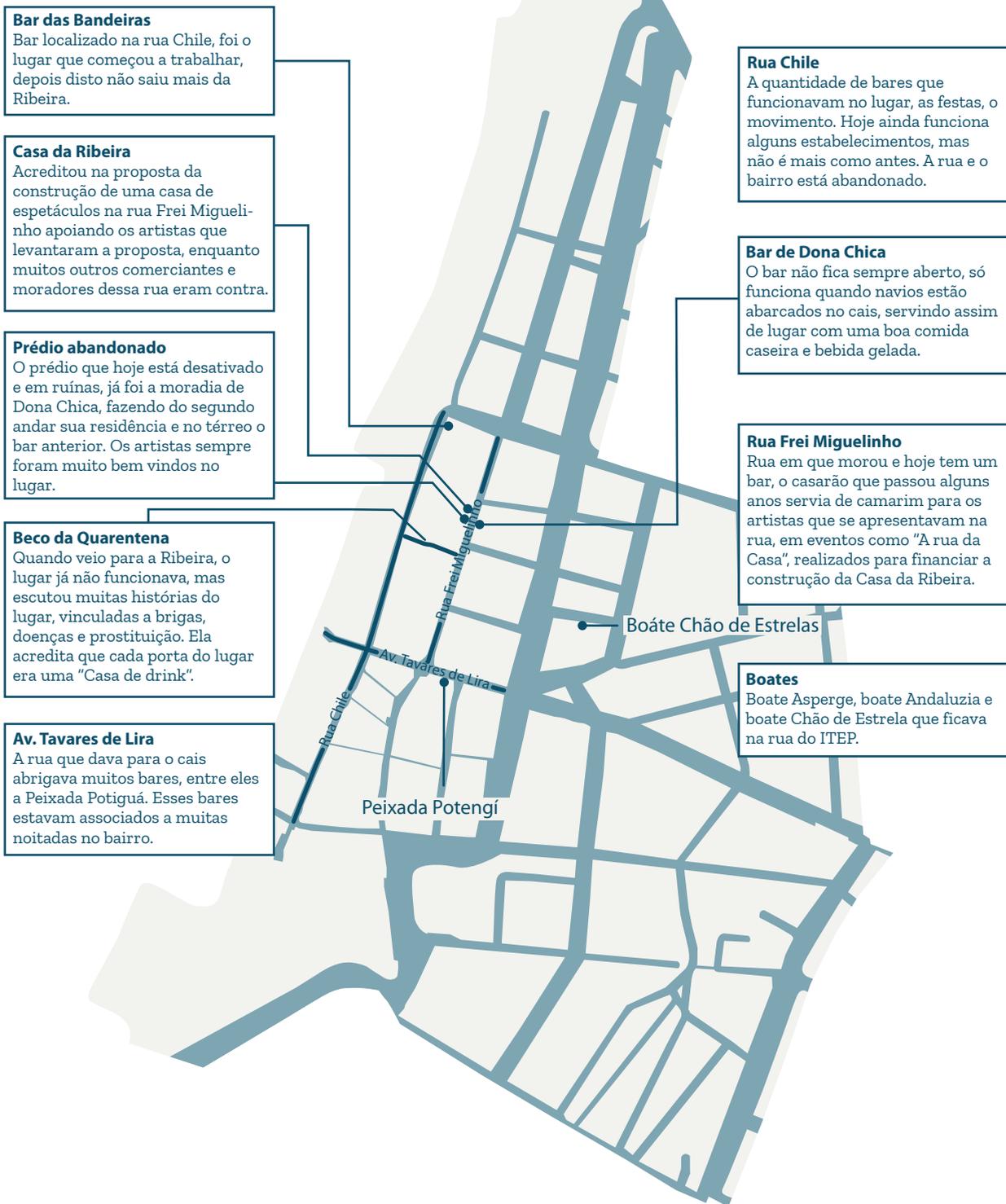


Figura 38 - Pontos identificados por Dona Chica no mapa com breve descritivo extraído do relato.
Fonte - Imagem da autora.

Depoimento 4

A conversa com Mundoca (69 anos) foi realizada em uma sala na Capitania da Artes. O relato foi gravado com o uso do celular, durante a conversa foi entregue as fotografias para que ele fosse observando, enquanto o mapa era colocado à sua frente com canetas a disposição. Enquanto Mundoca observava as fotos, foi explicado qual o objetivo do relato, fazendo com que ele rapidamente começasse a comentar cada imagem que passava, e na maior parte destes havia o reconhecimento do lugar observado.

Mundoca cresceu nas proximidades do bairro, morando a princípio nas Rocas, transitava constantemente pelo lugar. Aos 12 anos trabalhou em uma lanchonete que ficava no prédio dos Correios, e durante toda a sua vida manteve uma forte ligação com a Ribeira, sendo um frequentador assíduo dos bares e cabarés do lugar.

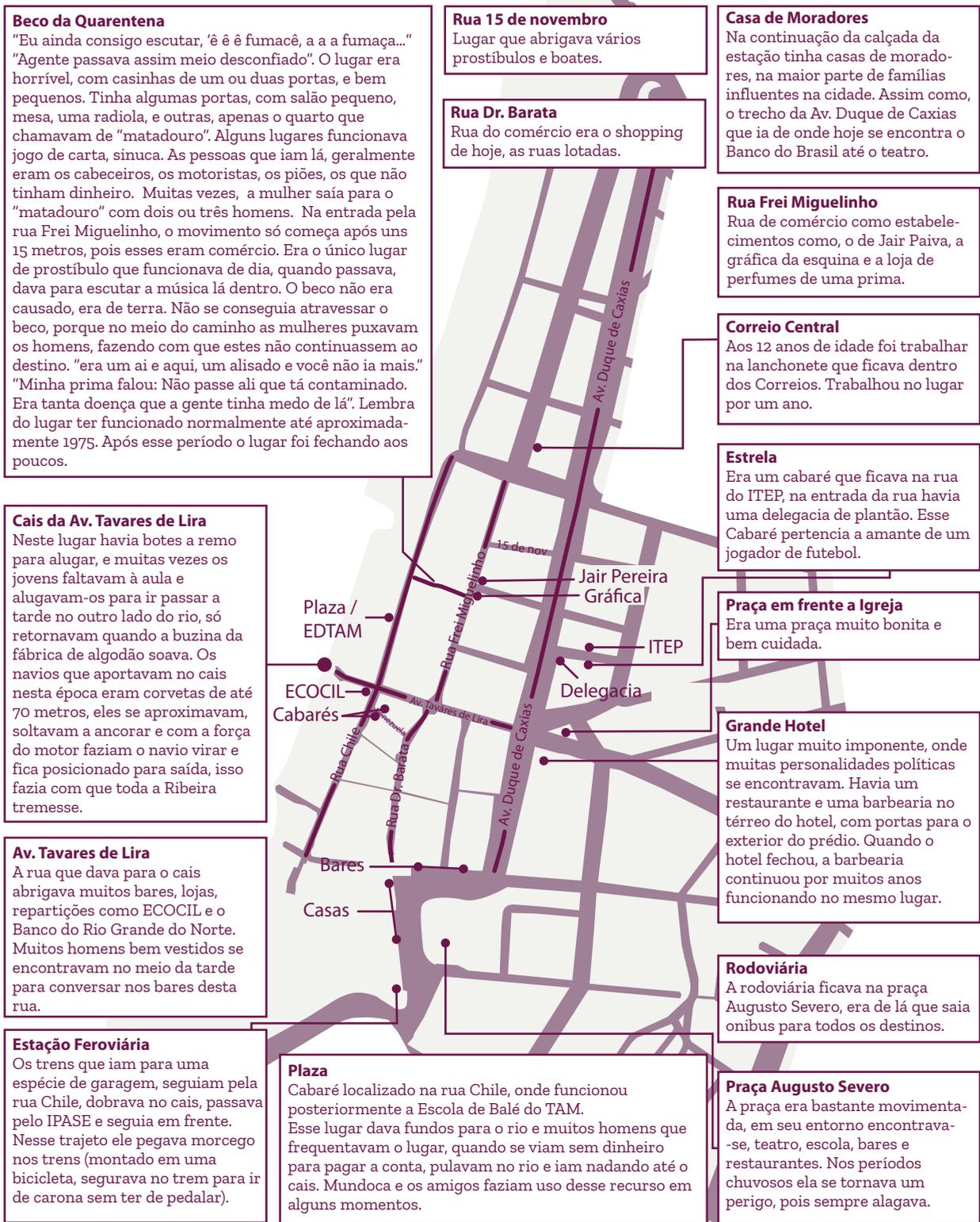


Figura 39 - Pontos identificados por Mundoca no mapa com breve descritivo extraído do relato.

Fonte - Imagem da autora.

5.4. Análise dos dados e escolha do tema narrativo

O material levantado dos depoimentos, possibilitou recolher informações pessoais, o que não se acharia em livros. A partir desses dados, deu-se a escolha do tema central para o desenvolvimento da narrativa para o livro-objeto, elegendo o lugar em que todos citaram em seus depoimentos (figura 40). Outro motivo que incentivou a escolha foi o relato de que o beco é considerado um lugar de escória, fazendo com que suas histórias se percam no esquecimento.



Figura 40 - Mapa de depoimentos, Lugares citados
Fonte - Imagem da autora.

5.5. Beco da Quarentena

Localizado próximo ao cais, a travessa da Quarentena (figura 41 e 42), é uma viela de passagem ligando as ruas Frei Miguelinho e Chile. O lugar que é conhecido como Beco da Quarentena, herdou o nome do período em que servia de confinamento de doentes no início do século XX. Os homens que chegavam nos navios, com doenças contagiosas, assim como, a população local que estava contaminada, era colocada de quarentena em quartos com acesso pela travessa. Nessa época houveram vários surtos, como o de varíola, fazendo-se necessário o confinamento.



Figura 41 - Beco da Quarentena, começo do século XX, entrada pela rua Frei Miguelinho (Esquerda).

Fonte - site Overmundo

Figura 42 - Beco da Quarentena, começo do século XX, entrada pela rua Chile (Direita).

Fonte - tokdehistoria.com.br

Após esse período, o Beco se tornou reduto de prostituição barata, "um local de promiscuidade no qual os frequentadores buscavam prazeres baratos" (DALCIN, 2018, p. 05). Com dimensões de 2 metros de largura por 80 metros de comprimento, "encontravam-se quartos escuros e abafados, mobiliados com camas, cadeira desconjuntada e restos de cortinas desbotadas nas janelas" (DALCIN, 2018, p. 05).

Com o passar dos anos, alguns quartos foram ampliados dando espaço a pequenas mesas para beber e jogar cartas. Em relatos de pessoas frequentadoras do lugar nas décadas de 1960 e 1970, encontra-se a descri-

ção da existência de cubículos de tamanhos variados, alguns com radiola e mesa, outro com mesa de sinuca, e os bem pequenos, apelidados de "matadouros", com apenas cama.

A mulheres do beco, em sua maioria, eram experientes, já tendo passado por estabelecimentos mais luxuosos, terminava seus dias trabalhando na travessa. Os frequentadores em sua maioria, eram trabalhadores do porto, pessoas que com menos recurso financeiro, procuravam diversão, bebedeira e jogatina no lugar.

O beco ganhou fama de "lugar maldito", e a maioria da população evitava cruzar por aquele caminho, afirmando que eram impossível atravessar da rua Chile para a Frei Miguelinho ou vice versa. Segundo Mundoca, um antigo frequentador da Ribeira, relatou que o fato de não poder atravessar, se devia às mulheres que ali trabalhavam e que puxavam os passantes insistindo habilmente por atenção.

As pessoas eram aconselhadas a não se aproximarem do Beco, devido às doenças venéreas. Neto, outro entrevistado, relatou que ao começar a trabalhar, aos 17 anos, na Ribeira, foi aconselhado a permanecer longe do Beco, pois o simples fato de cruzá-lo implicava em risco de contração de gonorreia.

Em meados dos anos de 1980, a zona de prostituição já se convertia de espaço de bêbados e drogados. Pouco a pouco as portas do Beco foram sendo lacradas, e hoje a travessa é um lugar sujo com acúmulo lixo e fedor de urina.



Figura 43 - Beco da Quarentena, hoje.
Fonte - foto da autora.

5.6. Visitas técnicas

Foram realizadas três visitas técnicas ao Beco da Quarentena, com o intuito de conhecer, entender e vivenciar o lugar escolhido como tema para o livro-objeto. A primeira visita ocorreu no período exploratório da Ribeira, anterior a decisão de trabalhar o Beco especificamente, por isso a visita não se ateu a muitos detalhes, apenas fotografando superficialmente o lugar.

A visita seguinte ocorreu de forma mais aprofundada, atentado-se aos detalhes, fotografando e discutindo as características do lugar, pois nesta visita, havia a necessidade de ampliar os conhecimentos acerca do Beco, e dar prosseguimento ao projeto. Durante a visita, houveram algumas

reflexões e suposições acerca do lugar, uma delas parte do fato de que em alguns textos, existe a descrição do Beco composto por pequenos quartos, já em relatos como o de Mundoca, os quartos tinham uma variação de tamanho, pressupondo que foram se transformando e se adaptando com o passar dos anos. Dessa forma, os elementos levantados na visita provocou uma construção imagética de que o lugar sofreu diversas modificações.

Durante a última visita, ocorrida com a presença de um dos entrevistados (Mundoca), houveram diversos acréscimos de informações que auxiliaram na compreensão do espaço, assim como, o entendimento de como se dava funcionamento dos quartos, a partir das memórias levantadas pelo colaborador (Mundoca). A visita foi bastante importante em decorrência de ter elucidado algumas dúvidas e proporcionado vários elementos visuais e de memória, a serem usados na construção narrativa do livro-objeto.



Figura 44 - registros fotográficos realizados durante as visitas técnicas.
 Fonte - Acervo da autora.

5.7. Experiências com suporte

O desenvolvimento de um projeto de um livro passa por uma série de etapas, que vão da escolha do conteúdo a impressão final, transitando pela escolha do suporte, cores, material, tipografia, entre outros. Na experimentação de construção deste livro-objeto, optou-se por iniciar com um brainstorming a partir dos dados coletados e da experiências da autora, utilizando o mapa mental (figura 45) com o intuito de organizar as idéias.

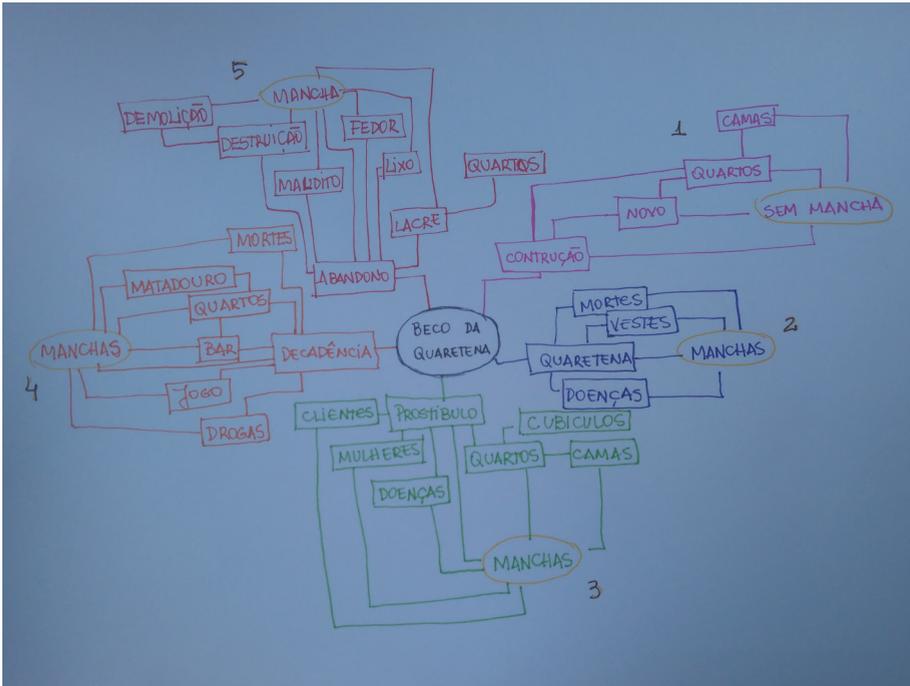


Figura 45 - Mapa mental.
 Fonte - foto da autora.

A partir do mapa mental delimitou-se cinco momentos distintos, que registram as memórias do lugar, sendo eles: a construção, a quarentena, os prostíbulo, a decadência e o abandono. Nesse sentido, a ideia de dividir o livro nestes cinco períodos foi se afirmando como possibilidade para o fio condutor da narrativa.

Então, partiu-se da ideia de que cada bloco representasse o período em questão, traduzida em uma forma visual manipulável. Esse partido fez com que fosse experimentado tipos de dobras no papel, na tentativa de remeter a espacialidade do Beco. A solução encontrada foi a dobradura nas laterais formando duas sanfonas (figura 46). Essa estrutura possibilitou a construção de ambiências entre as dobraduras, fornecendo a perspectiva da entrada do beco.

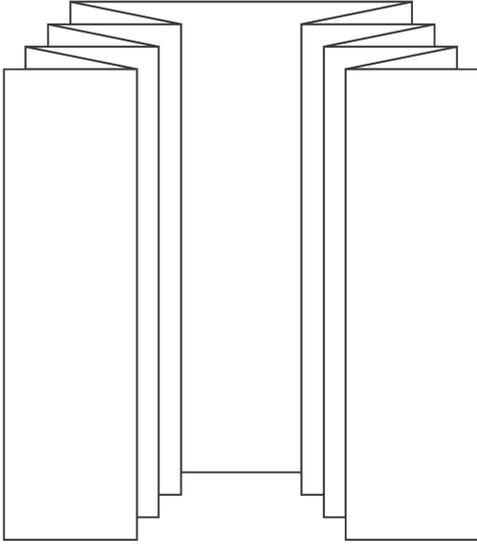


Figura 46 - Dobradura formato sanfona nas laterais (esquerda), Beco da Quarentena (direita).

Fonte - Imagem da autora.

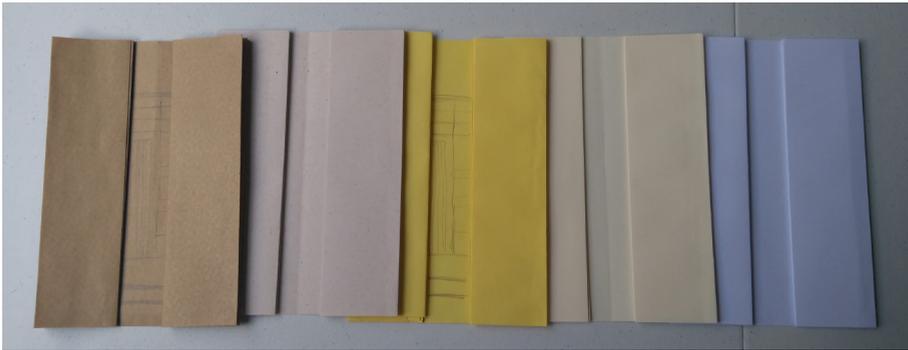


Figura 47 - Teste de dobradura com papéis diferentes e cores.

Fonte - Imagem da autora.



Figura 48 - Teste com suportes.
Fonte - Imagem da autora.

A forma física do beco foi um dos elementos requisitados para delimitar o suporte. Para avaliação do suporte foi utilizado papéis de diferentes gramatura, cores e acabamentos distintos (figura 48) como proposta de diferenciar cada período. Partindo dos papéis mais claro, para a construção do Beco da Quarentena, aos tons mais escuros, remetendo ao estado atual de abandono.

Para reforçar a passagem de tempo na travessa, investigou-se alguns mecanismos de criação de texturas gráficas. Assim, optou-se pelo uso de manchas no papel, significando esses acúmulos de vivências e memórias. Para tanto, foram realizados vários testes de manchas em papéis, utilizando café, chá, aquarela, tinta, pastel seco e pastel oleoso, como pode ser verificado nos quadrados de 6 a 13 (figura 49). Assim como, os registros fotográficos realizados durante as três visitas técnicas no local, extraindo texturas, manchas e materiais (figura 49) que pudessem ser aplicados no livro-objeto, e dessa forma, ressaltando o olhar sobre o bairro a partir dos conceitos de Lynch (2011).

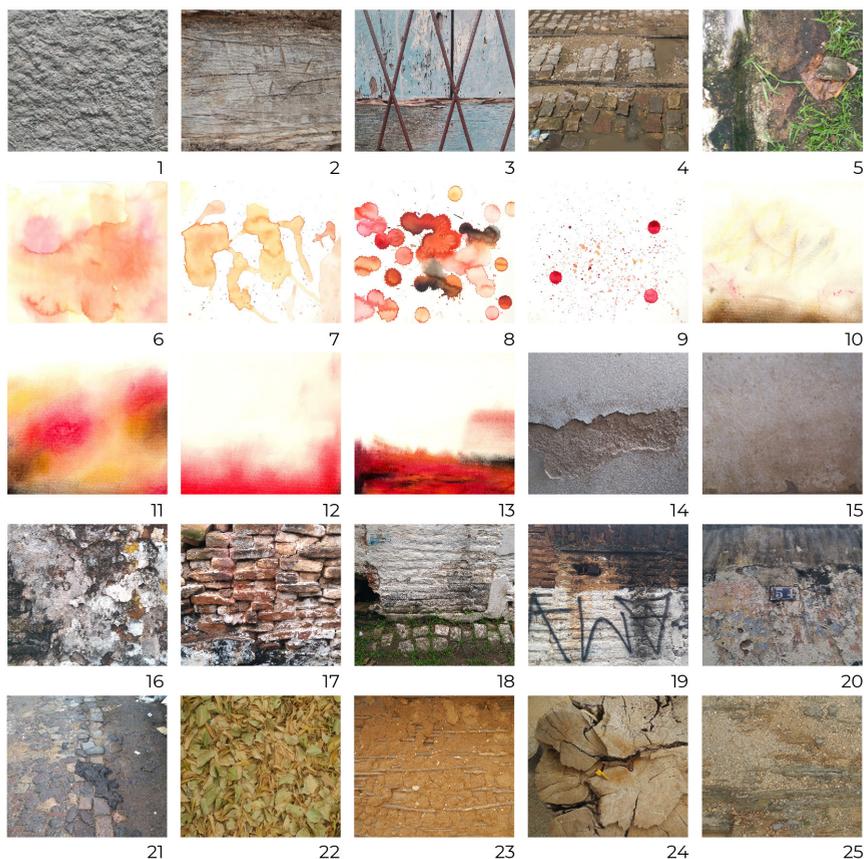


Figura 49 - Teste de texturas e manchas.
 Fonte - foto e imagens da autora.

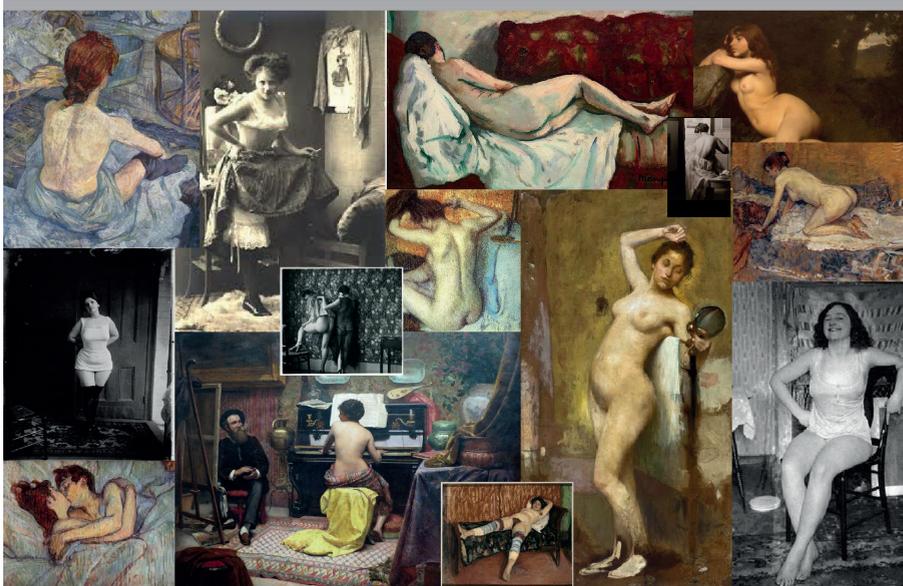
Durante a pesquisa com o suporte, o formato inicial teve de ser repensado, A5 (14,8 x 21 cm), sendo alterado para as dimensões de 15 x 17 cm. Essa mudança se deu para que a representação dos elementos pudessem ser distribuídos de forma mais harmônica, além disso, as folhas em sanfona na nova proposição, permitem uma associação direta à espacialidade do Beco da Quarentena.

A pesquisa visual desenvolvida neste projeto, envolveu estudos de silhuetas femininas e masculinas, elementos arquitetônicos, objetos e móveis, na perspectiva de construir um referencial iconográfico para o livro-objeto. Neste sentido, a pesquisa possibilitou a geração de cinco moodbo-

ards, com imagens e palavras-chaves (figura 50). Dentre a seleção de palavras, incluiu-se o período para que obtivesse imagens do espaço-tempo retratado.

Palavras-chaves:

1900 - seculo XX - Mulheres - Corpos - Contornos - Silhuetas - Nú - Toulouse Lautrec



Cores extraídas do painel:

C 70%	C 80%	C 35%	C 30%	C 35%	C 10%	C 10%
M 60%	M 70%	M 95%	M 60%	M 20%	M 40%	M 10%
Y 30%	Y 35%	Y 95%	Y 80%	Y 80%	Y 75%	Y 35%
K 15%	K 25%	K 50%	K 35%	K 5%	K 0%	K 0%

Palavras-chaves:

1905 - Século XX - Doenças - Corpos - Quarentena - Doentes - Sífilis Venérea - Epidemia - Oswaldo Cruz



Cores extraidas do painel:

	C 5% M 35% Y 40% K 0%		C 20% M 75% Y 70% K 10%		C 10% M 60% Y 65% K 0%		C 10% M 20% Y 55% K 0%		C 10% M 45% Y 65% K 0%		C 0% M 50% Y 90% K 0%		C 25% M 20% Y 40% K 5%
--	--------------------------------	--	----------------------------------	--	---------------------------------	--	---------------------------------	--	---------------------------------	--	--------------------------------	--	---------------------------------

Palavras-chaves:

1900 - 1925 - 1945 - Século XX - Doenças - Corpos - Doentes - Mulheres - Homens

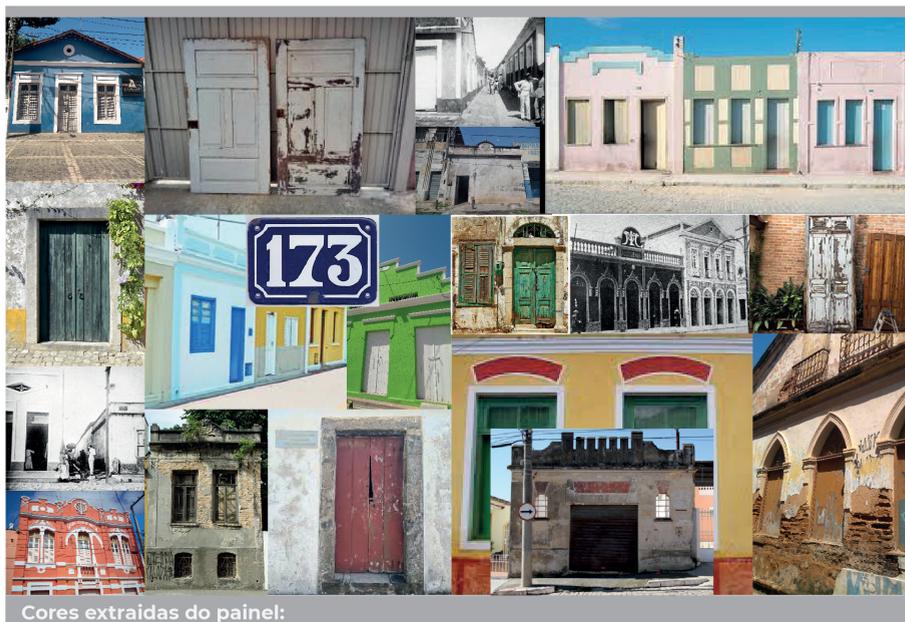


Cores extraídas do painel:

	C 5% M 15% Y 15% K 0%		C 25% M 30% Y 35% K 5%		C 45% M 45% Y 45% K 35%		C 60% M 60% Y 65% K 70%		C 80% M 70% Y 60% K 85%		C 100% M 90% Y 35% K 25%		C 70% M 35% Y 0% K 0%
--	--------------------------------	--	---------------------------------	--	----------------------------------	--	----------------------------------	--	----------------------------------	--	-----------------------------------	--	--------------------------------

Palavras-chaves:

Século XX - Portas - Antigo - 2 partes - Cores - Natal - Fachadas - Janelas - Paredes



Cores extraídas do painel:

	C 40% M 10% Y 0% K 0%		C 85% M 55% Y 0% K 0%		C 80% M 30% Y 70% K 15%		C 70% M 25% Y 60% K 5%		C 10% M 25% Y 60% K 0%		C 30% M 65% Y 45% K 25%		C 30% M 80% Y 80% K 25%
---	--------------------------------	---	--------------------------------	---	----------------------------------	---	---------------------------------	---	---------------------------------	---	----------------------------------	---	----------------------------------

Figura 50 - moodboards de referências.
Fonte - Imagem da autora.

5.8. Conteúdo narrativo

A construção do conteúdo narrativo, ocorreu a partir das gerações de ideias, dos moodboards e dos relatos dos entrevistados. Para tanto, a narrativa visual foi dividida em cinco momentos distintos: construção, quarentena, prostíbulos, decadência e abandono, elencando o que deveria ser colocado em cada época, a partir da evolução cronológica do lugar.

Por falta de fontes, escassez de detalhes e registros fotográficos a respeito do Beco da Quarentena, que pudessem norteassem cada período, foi considerado elementos de contexto histórico para a construção de uma memória inventada. Tomando como base os referenciais de uma memória que não vivenciou o período e o lugar, desta forma a construção narrativa toma por base a ficção em vários momentos.

A seguir, apresenta-se a proposta narrativa para cada período. Além do texto descritivo de contextualização, foram elencados referências visuais e textuais para compor a narrativa.

1 - Construção

O período considerado para este momento compreende, o meio do século XIX e o começo do século XX. Em nenhum registro foi encontrado dados precisos que indiquem a data da construção do beco e a sua utilização, para tanto, foi escolhido um universo em que o lugar servia de hospedaria. Os quartos abrigavam os recém chegados que vinham de trem e de navio, em um ambiente de constante trânsito de pessoas.

Imagens:

Camas, bancos, penico, bacia, malas, homens, mulheres e crianças.

Textos:

Frases de verbalização e contexto histórico.

2 - Quarentena

A partir de registros históricos foi identificado algumas epidemias ocorridas em Natal no final do século XIX e começo do século XX (entre 1849 e 1921), como a varíola, febre amarela e gripe espanhola. As doenças modificaram a utilização do local para os fins que o seu nome identifica, Beco da Quarentena, por isso, determinou-se este recorte temporal para retratar o período em que os recém chegados na cidade portando alguma doença, eram colocados em quarentena.

A intenção deste trecho do livro-objeto, é construir um ambiente em que as doenças, a precariedade e a morte dividem espaço do Beco.

Imagens:

Camas, redes, bancos, penico, bacia, lampeão, malas, homens, mulheres, cartazes, manchas, marca nas portas, crucifixo.

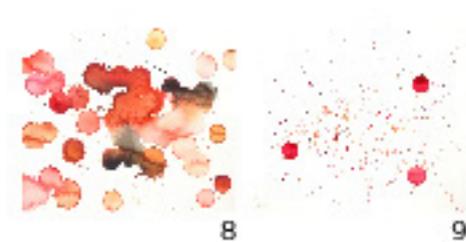
Textos:

Orações, incelenças, frases de verbalização e contexto histórico.

Elemento adicional:

Tecido preto cobrindo uma das portas.

Texturas usadas:



3 - Prostíbulos

A Ribeira, tornou-se reduto de prostíbulos no meio do século XX (entre 1930 e 1980, aproximadamente) conforme relatos, os estabelecimentos comerciais funcionavam durante o dia e os prostíbulos a noite. Entretanto, não se encontrou registro exato do momento em que o Beco se tornou lugar desse tipo de movimentação. No entanto, foi considerado elemen-

tos como: as prostitutas do início da século XX e o vestuário masculino de meados do mesmo século para a construção do livro-objeto.

Outro ponto levado em consideração foi, a presença dos americanos em Natal, que fomentou um grande aumento na prostituição local, por isso esse período deu suporte para que os referenciais gráficos fossem ambientados.

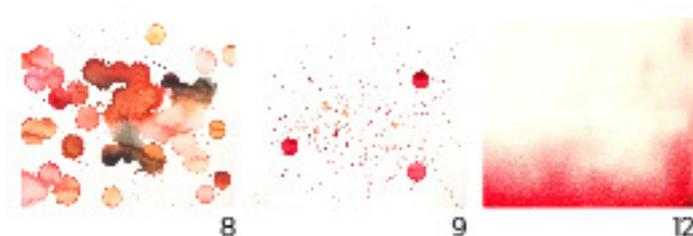
Imagens:

Camas, estantes, bancos, cadeira, penico, bacia, lampeão, garrafas engradados, lâmpadas, roupas, uniformes, homens, mulheres, cartazes, manchas.

Textos:

Frases de verbalização e contexto histórico.

Texturas usadas:



4 - Decadência

Os anos de 1960 a 1980, o Beco foi associado a um local maldito, de acordo com os depoimentos apresentados anteriormente, e relatos, como o de Mundoca, onde o espaço insalubre só piorou com o passar dos anos. Para esse período foi escolhido colocar elementos referentes aos relatos coletados, em que mostra o lugar se transformando, com o fechamento de alguns quartos e a ampliação de outros, carregando o peso dos anos vividos ali.

Imagens:

Camas, estantes, bancos, cadeira, garrafas, copos, latas, lâmpadas, luminárias, quadro, homens, mulheres, cartazes, manchas, bar, mesa, rádio e mesa de sinuca.

Textos:

Frases de verbalização, contexto histórico, Música Fumacê e lista das prostitutas que trabalharam no Beco, retirada do poema de Saraiva Cantilena do Beco da Quarentena" (1979).

Texturas usadas:



5 - Abandono

A partir de 1985, os quartinhos foram sendo fechados, lacrados e abandonados. Hoje só existe duas portas, uma com grade e que está sempre fechada e outra com correntes e cadeado. O Beco acumula os lixos da redondeza, e é com esse ambiente de abandono e sujeira que foi proposto a última fase do livro-objeto.

Imagens:

Portas, grade, cobogó, placas, poste, grafites, manchas e lixo.

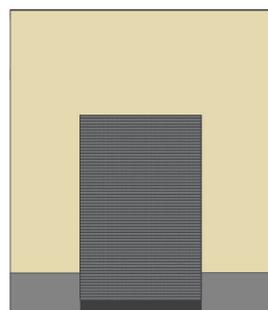
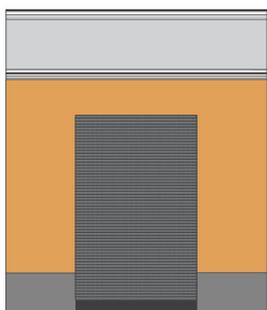
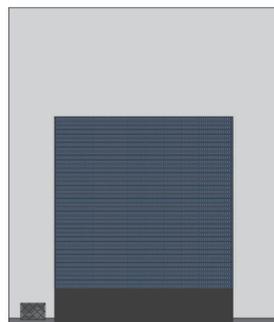
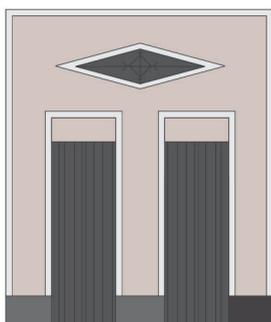
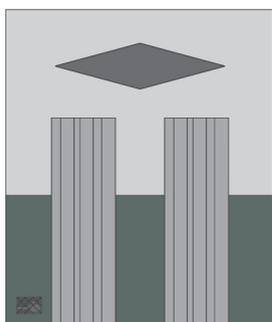
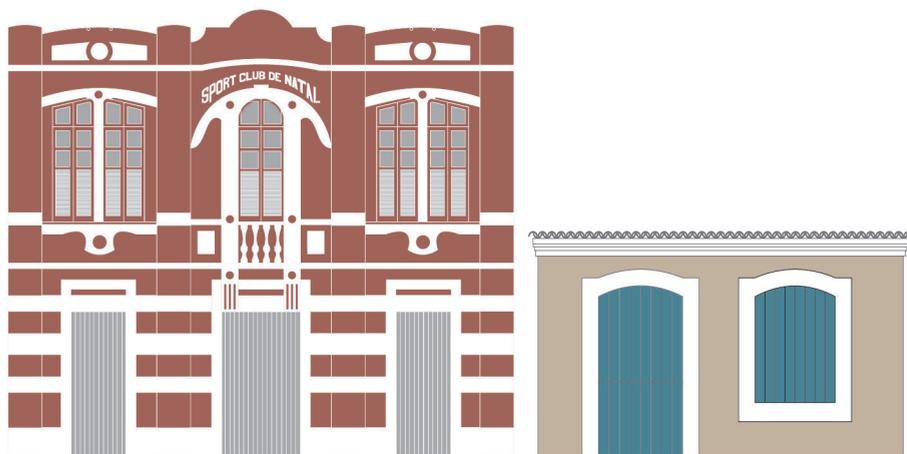
Com base nos elementos narrativos descritos acima, foram feitos desenhos digitais para cada momento, retratando as especificidades de cada período no livro-objeto. Os desenhos levaram em consideração elementos do lugar, tais como: figuras humanas, objetos, móveis, cartazes, placas, portas e fachadas.

Texturas usadas:



DESENHOS CONSTRUÍDOS

FACHADAS



DESENHOS CONSTRUÍDOS

OBJETOS

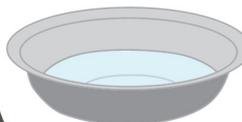
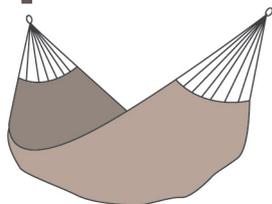
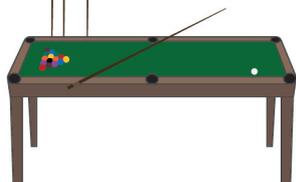
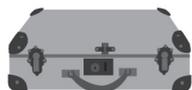


RUA
FREI MIGUELINHO

BECO DA
QUARENTENA

TRAVESSA DA
CHILE A
FREI MIGUELINHO

47



DESENHOS CONSTRUÍDOS
CONSTRUÇÃO

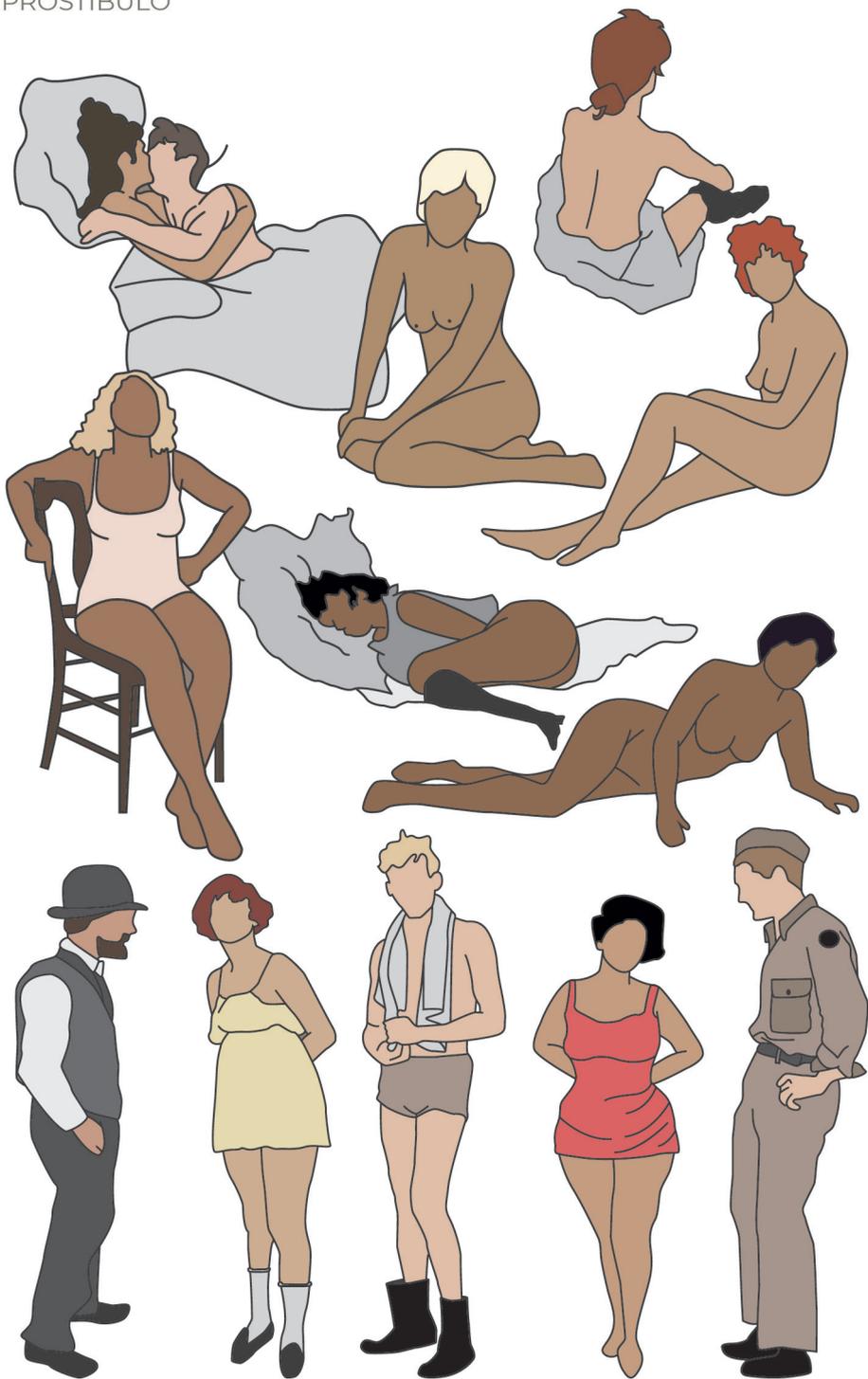


DESENHOS CONSTRUÍDOS

QUARENTENA

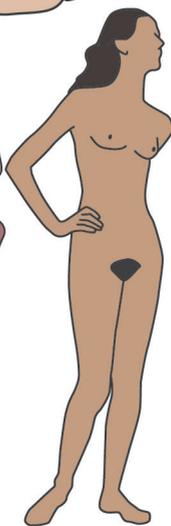
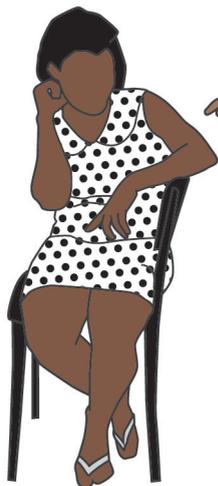
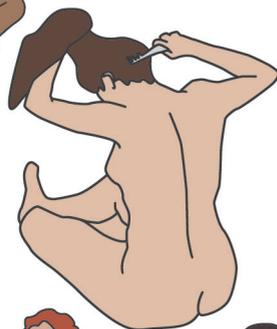
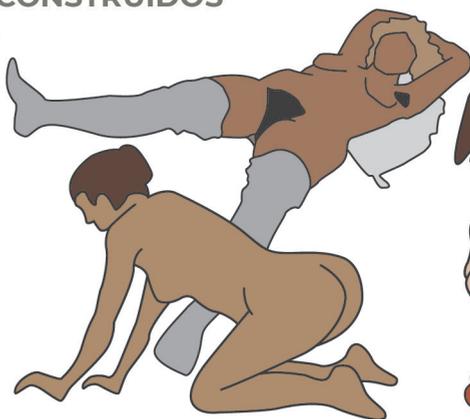


DESENHOS CONSTRUÍDOS
PROSTÍBULO



DESENHOS CONSTRUÍDOS

DECADÊNCIA



5.9. Tomadas de decisões

Para o desenvolvimento do projeto, foram construídos modelos físicos com a impressão dos elementos gráficos produzidos, e assim avaliá-los para as tomadas de decisão. Na primeira impressão, os elementos estruturais básicos como as portas, paredes e a rua com prédios no final do Beco foram impressos, passando por uma avaliação dos traços, cores, ângulos, entre outros aspectos visuais. A partir desta base, foram inseridos desenhos a mão e realizados os cortes no papel, para que norteassem as escolhas construtivas.



Figura 51 - Testes de elementos gráficos para o livro-objeto, módulo que retrata a CONSTRUÇÃO.

Fonte - Acervo da autora.



Figura 52 - Testes de elementos gráficos para o livro-objeto, módulo que retrata a QUARENTENA.

Fonte - Acervo da autora.



Figura 53 - Testes de elementos gráficos para o livro-objeto, módulo que retrata a PROSTÍBULO.

Fonte - Acervo da autora.



Figura 54 - Testes de elementos gráficos para o livro-objeto, módulo que retrata a DECADÊNCIA.

Fonte - Acervo da autora.

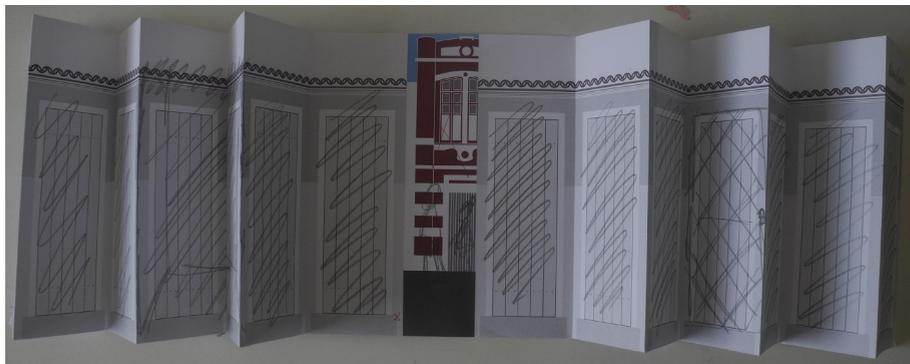


Figura 55 - Testes de elementos gráficos para o livro-objeto, módulo que retrata a DECADÊNCIA.

Fonte - Acervo da autora.

Após a construção dos modelos acima expostos, optou-se em deixar um mecanismo de abertura de algumas portas na intenção de que houvesse uma visão do interior dos quartos. Adotou-se também a retirada total de outras portas, como se elas estivessem abertas dando uma visão geral do quarto. Decidiu-se desenhar os elementos narrativos descritos anteriormente, para fornecer as informações temporais e ambientar a composição. Os diferentes elementos também fornecem ritmo narrativo.

Em um momento posterior, a impressão de modelos físicos (figura 56) foi ocorrendo com bastante frequência, possibilitando as tomadas de decisão a respeito dos aspectos gráficos selecionados, como cores, traços, texturas, bem como os elementos que podem ser manipulados. Nesse processo, descobriu-se algumas necessidades para a construção do livro-objeto, como a colocação de uma sobrecapa e o acréscimo de um envelope para os elementos soltos que completam a narrativa (figura 57).



Figura 56 - testes de elementos gráficos e papéis para o livro-objeto.
Fonte - acervo da autora.

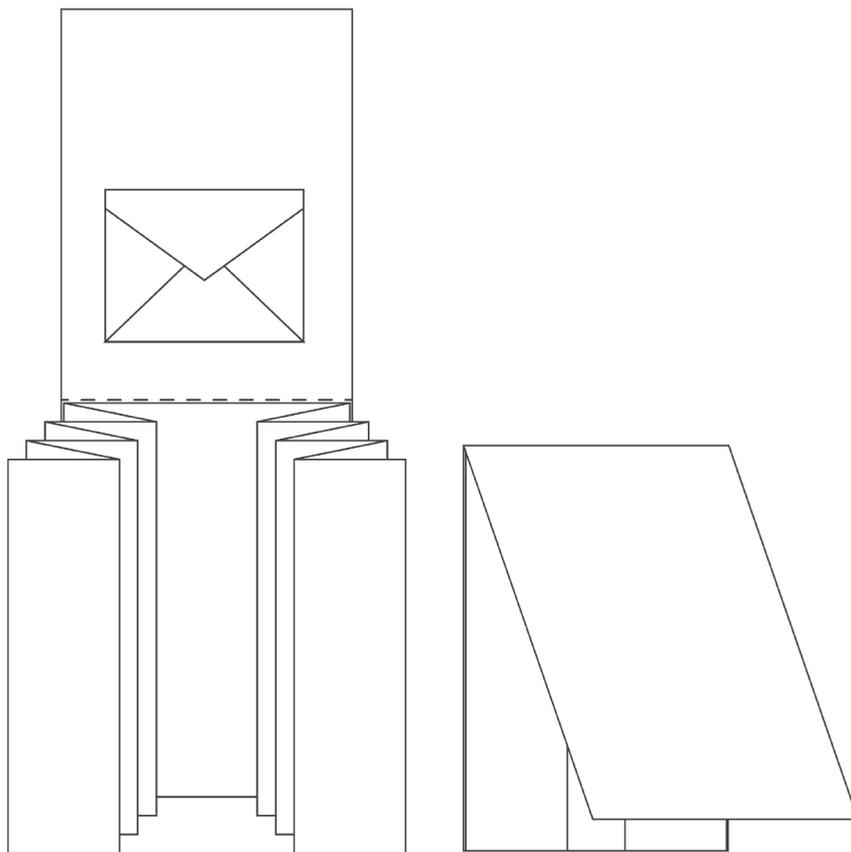


Figura 57 - Estrutura final do suporte.
Fonte - Acervo da autora.

Outro elemento trabalhado durante a avaliação dos modelos físicos foram os tipos de papéis, permitindo a escolha que melhor se adequasse ao projeto. Assim como, o formato de impressão, podendo ser em formato A4 ou impressão contínua de até um metro. Os papéis testados foram papel offset 150g/m², papel offset 180g/m², cartolina, Canson 140g/m², Canson 180g/m², vegetal 90g/m², Offset creme 75g/m², vergê creme 120g/m² e jornal 60g/m². Tomando assim, a decisão de usar o papel Offset 180g/m² com impressão contínua para o suporte, por possibilitar uma maior facilidade na dobradura e fornecer a rigidez necessária para o conjunto.

A escolha dos elementos narrativos anexos a cada parte do livro-objeto, partiu da necessidade de acrescentar componentes manuseáveis que auxiliassem a narrativa. Decidiu-se acrescentar um envelope de papel vegetal portando, notícias de jornal, letras de música, fichas, adesivos, fotos, cartões, frases e textos históricos (Figura 58). Estes encartes fazem com que as interações se tornem mais interativo.



Figura 58 - Testes de elementos gráficos de encarte para o livro-objeto.
Fonte - Acervo da autora.

O título escolhido para o livro-objeto foi "O BECO". Durante todo desenvolvimento do projeto, o livro-objeto permaneceu sem nome, pois, a difícil escolha de nomeação foi deixada para o momento em que o livro-objeto estivesse pronto. Essa escolhida se pautou na ênfase espacial, como também, suscitar as várias adjetivações empregadas a ele nos diferentes períodos, da construção, da quarentena, do prostíbulo, da decadência e do abandono.

A escolha dos textos incluídos no livro-objeto, se deu com base em toda a pesquisa desenvolvida neste projeto, no entanto, foi decidido colocar textos que dialoguem de forma direta com o leitor, convidando-o a interagir com "O BECO". Segue quadro de elementos textuais inseridos na sobrecapa de cada momento do livro-objeto, estes textos foram construídos a partir da pesquisa desenvolvida durante todo o processo de pesquisa.

CONSTRUÇÃO	<p>A Ribeira, no meio do século XIX e no começo do século XX, era o mais importante lugar de Natal, com um forte comércio de rua, o porto e a estação ferroviária e a rodoviária. Caminhando pelo bairro, imaginem um beco que liga duas ruas movimentadas, Imaginaram? Agora, vamos entrar nesse lugar que é uma hospedaria. Os quartos abrigam os recém chegados, tornando o local de constante trânsito de pessoas.</p> <p>Fique a vontade, explore os ambientes e seus encartes.</p>
QUARENTENA	<p>As epidemias mataram muitas pessoas em todo o mundo, em Natal não foi diferente, entre os anos de 1849 e 1921, a varíola e a febre amarela, deixaram muitos doentes e mortos em Natal. Dizem por aí que, muitos chegavam nos navios com doenças contagiosas, contaminando a população local. Agora o nosso beco é o local em que essas pessoas ficavam em quarentena, os quartos amontoavam doentes.</p> <p>Fique a vontade, explore os ambientes e seus encartes, mas cuidado, muita gente morreu aí!!!!</p>
PROSTÍBULO	<p>A partir de meados do século XX, os prostíbulos se espalharam pela Ribeira, os comércios funcionando de dia e as casas de diversão de noite. O beco não foi diferente, os homens aproveitam o reduto de prostituição barata e nos pequenos quartos encerra segredos e histórias. Durante a Segunda Guerra Mundial, os americanos fizeram a festa em Natal, e o beco ganhava cada vez mais fama de maldito.</p> <p>Fique a vontade, explore os ambientes e seus encartes. Divirta-se!!!</p>

DECADÊNCIA	<p>Entre os anos de 1960 e 1980, a decadência dos prostíbulos da Ribeira e, principalmente, do Beco da Quarentena, com suas doenças venéreas, intensifica-se. As lendas urbanas surgem agravando a rejeição pelo lugar, a maioria da população evitava cruzar aquele caminho, afirmando que é impossível atravessar o beco. As mulheres agora são experientes e já viveram em lugares mais luxuosos, mas, aproveitam seus dias e noites fazendo a alegria da travessa.</p> <p>Fique a vontade, explore os ambientes e seus encaixes. Aprenda a música e cante junto!</p>
ABANDONO	<p>No meio dos anos 1980, as portas foram sendo fechadas, lacradas e abandonadas. O beco caiu no esquecimento e no abandono. Agora acumula os lixos da redondeza e o medo dos que ainda hoje evitam cruzá-lo. Você pode ir lá dá uma olhadinha, acho que ele vai ficar contente de ser lembrado (Travessa da Quarentena, Ribeira, Natal-RN, 59012-185).</p> <p>Fique a vontade, explore os ambientes e seus encaixes.</p> <p>Coloque um pouco de você no Beco!</p>

O último elemento acrescentado ao projeto foi a inserção de uma luva (Figura 59) que tem a função de capa, que reúne as cinco partes (Construção, Quarentena, Prostíbulo, Decadência e Abandono) do livro-objeto. A luva, segue a mesma estética adotada na construção das partes internas, utilizando o elemento do cobogó com grafismo e a sobreposição do nome em uma placa, seguindo assim a mesma identidade do restante do livro.



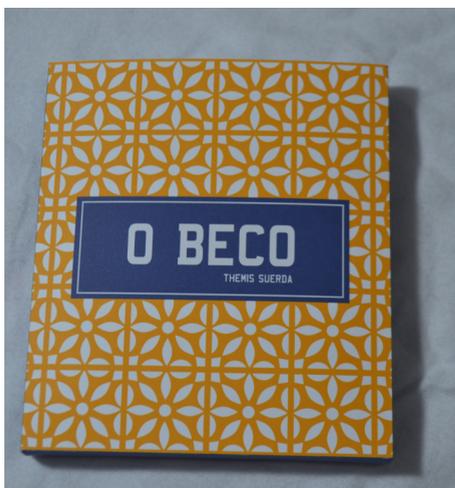
Figura 59 - Modelo de luva/capa livro-objeto "O BECO".
Fonte - Acervo da autora.

RESULTADO FINAL DO PROJETO GRÁFICO DO LIVRO-OBJETO “O BECO”

O resultado deste processo foi o livro-objeto O Beco, que está dividido em cinco partes (Construção, Quarentena, Prostíbulo, Decadência e Abandono). Cada período é ambientado em um momento histórico, refletido em seu projeto gráfico. Construção, tem referência no período entre o meio do século XIX e o começo do século XX, o espaço foi estabelecido como hospedaria, por não tem registros históricos esclarecedores sobre esse momento. Quarentena, faz alusão ao período em que o beco, segundo registros históricos, era um lugar de quarentena de pessoas com doenças contagiosas, final do século XIX e começo do século XX. Prostíbulo, alude ao meio do século XX, em que os prostíbulos eram famosos na Ribeira. Decadência, traz os elementos coletados nos depoimentos, em que o Beco era um lugar maldito e de prostituição barata. E Abandono, carrega elementos do Beco com se encontra hoje, e de forma lúdica, acompanha a narrativa.



“O BECO”







7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corrente trabalho apresentou a construção narrativa para valorização da Ribeira utilizando o livro-objeto como suporte, a partir de memórias e emoções de pessoas que tinham uma relação íntima com o bairro, em conformidade com o objetivo apresentado no início do projeto. Desta forma, expôs o processo construtivo detalhando a pesquisa bibliográfica e aplicação do método.

Os conceitos de Dalcin, Lima e Barros (2018), Norman (2008), Lynch (2011) e Krucken (2019), possibilitaram um entendimento e um referencial na discussão acerca da memória como desencadeadora de possibilidades exploratórias aplicadas no design. A base teórica proporcionada por essas referências, foi essencial para se entender os elementos provocadores na construção da narrativa.

Desta forma, Dalcin, Lima e Barros (2018) foi importante no que norteia o entendimento de lugar, provocando um olhar mais humano e emocional, para o bairro da Ribeira. Neste sentido, Norman (2008), Lynch (2011) e Krucken (2019) completam esse olhar, envolvendo o design emocional, o bairro e as possibilidades de valorização do mesmo, gerando assim o diálogo com os participantes dos depoimentos e a escolha dos elementos trabalhados na narrativa, que foi de extrema importância para o trabalho.

Ao longo do projeto foi produzido um livro-objeto que tem como narrativa um lugar com relação emocional com a Ribeira. O processo que iniciou com os depoimentos das cinco pessoas que apresentavam forte ligação com o bairro, gerou histórias bastante diversas, por vezes, os depoimentos se detinham na identificação espacial do bairro, lembranças do funcionamento em outrora e reconhecimento dos lugares. No entan-

to, no meio dessas lembranças surgiam histórias com fortes características narrativas e apelo dramático, contribuindo para o desenvolvimento deste projeto.

O processo de escolha do suporte, assim como os testes de impressão, possibilitou a exploração de tipos distintos de papel, desenhos e manipulações. As decisões acerca da interação e dos elementos anexos a cada parte do livro-objeto, foi construído a partir de vários testes de impressão e montagem de boneco. Esse processo possibilitou encontrar resoluções mais eficazes para cada item testado, tendo em vista a manipulação do leitor posteriormente.

O livro-objeto "O BECO" se propõe a ser mais uma ferramenta de valorização da história do bairro da Ribeira. Acredita-se que este trabalho possibilita um referencial futuro para a construção de livros-objeto, partindo da memória, da emoção e do lugar. Nesse sentido, essa experiência de construção narrativa apresenta-se como a primeira de muitas outras, gerando uma movimentação no mercado editorial local, pois a intenção da autora é tornar esse livro-objeto e outros projetos futuros, um produto comercializável.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Henrique. **Revitalização da rua Chile: Duas décadas depois, pouca coisa sobreviveu**; Tok de História. Disponível em <<https://tokdehistoria.com.br/2016/12/02/revitalizacao-da-rua-chile-duas-decadas-depois-pouca-coisa-sobreviveu/>>. Acesso em 04 de Maio de 2019.

CARVALHO NETO, Manuel de Oliveira. **O desembarque holandês em Areia Preta. Natal de Ontem**. [online] 28 de set. de 2009. Disponível em: <<http://nataldeontem.blogspot.com/2009/08/o-desembarque-holandese-em-areia-preta.html>> Acesso em: 21 de abr. 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: EDUFRN, 2010.

CIOMMO, Iris Di. **Permanências e rupturas de um suporte : livro de artista, estudo de casos**. Campinas, SP : [s.n.], 2015.

COSTA, Filipe Campelo Xavier da; TONETTO, Leandro Miletto. **Design Emocional: conceitos, abordagens e perspectivas de pesquisa**. Strategic Design Research Journal, 4(3): 132-140 September-December 2011 ©2011 by Unisinos - doi: 10.4013/sdrj.2011.43.04.

CRUZ, Carla. **Natal: da cidade "dorminhoqueta" a cartão postal**. Minuto.com. [online] 24 de mai de 2010. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/noticias/ciencia-e-saude/natal-da-cidade-dorminhoqueta-a-cartao-postal/53322/>> Acesso em: 30 de mai de 2019.

DALCIN, Jessica Freire; LIMA, Monique Maia de; BARROS, Yasmênia Evelyn Monteiro de. **Cabarés em Natal: do esplendor do cabaré de Maria Boa ao ostracismo do Beco da Quarentena (1942-1950)**. [20--]. Disponível em: . Acesso em: 10 out. 2018.

- DERDYK, Edith. **Entre ser um e ser mil**. São Paulo: Editora Senac, 2013.
- FABRIS, Annateresa; TEIXEIRA DA COSTA, Cacilda. **Tendências do Livro de Artista no Brasil**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1985.
- FREIRE, K. **Reflexões sobre o conceito de design de experiências**. Strategic Design Research Journal, 2(1):37-44, janeiro-junho, 2009.
- FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico: uma metodologia criativa**. São Paulo: Edições Rosari, 2006.
- GADIOLI, Marcia. (des)limite(s) livro(s) de artista(s) - **A campanha**. [online] nov. de 2017. Disponível em: <<http://marciagadioli.blogspot.com/2017/11/deslimites-livros-de-artistas-campanha.html>> Acesso em: 25 de Fev. 2019.
- HOLDER, Caroline. **Especial Natal 413 anos: 'Trampolim da Vitória' dos EUA na 2ª Guerra**. G1 RN [online] 24 de dez. de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2012/12/natal-trampolim-da-vitoria-dos-eua-durante-segunda-guerra-mundial.html>> Acesso em: 21 de abr. 2019.
- KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- LUPTON, Ellen. **Intuição, ação, criação**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- MELLO, J. B. F. **A Geografia Humanista: a Perspectiva da Experiência vivida e uma Crítica radical ao Positivismo**. Revista Brasileira de Geografia, 52(4), pag. 91 – 115, 1990.
- MORAES, Odilon. **O livro como objeto e a literatura infantil**, In: DERDYK, Edith (org.). **Entre ser um e ser mil**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem as coisas**. 1 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

NORMAN, Donald A. **Design emocional: Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia**; Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

OLIVEIRA, Ana Paula Fonseca de. **O hibridismo e a expansão das narrativas no livro-objeto infantil contemporâneo**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2017.

PAIVA, Ana Paula Mathias. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo, SP:Edusp, 2010.

PAPE, L. **Espaço Imantado** / Curadoria de Manuel J. Borjas-Villel e Teresa Velázquez ; Texto de Paulo Herkenhoff. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.

PENA, Rodolfo F. Alves. **O que é território?; Brasil Escola**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-territorio.htm>>. Acesso em 26 de Abr de 2019.

ROCHA, Jessica. **Carnaval 2019: Nordeste está entre destinos mais buscados para viajar**. G1 [online]. 04 de fev de 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/carnaval/2019/noticia/2019/02/04/carnaval-2019-nordeste-esta-entre-destinos-mais-buscados-para-viajar.ghtml>>. Acesso em 06 de Jun de 2019.

ROMANI, Elizabeth. **Design do Livro-objeto infantil**. Dissertação (Mestrado - Área de concentração: design e Arquitetura) - FAUUSP. São Paulo, 2011.

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. **INCELÊNCIAS: o povo canta seus mortos**. Revista Incelências, Maceió-AL, p.86-96, 01 fev. 2011. Disponível em: . Acesso em: 27 nov. 2016.

SANTOS, Bárbara Brena Rocha dos. **A pé: Uma narrativa sobre a experiência do pedestre no centro histórico de Natal.** 2015. 261 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção-** 4ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SILVEIRA, Paulo. **Definições do livro de artista.** In: A página violada: Da ternura à injúria na construção do livro de artista. [online]. 2nd Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SILVA, L. P., XAVIER, M. A. S. **Memória do Espaço/Tempo Vivido na Representação de Mapas Mentais: o Caso do Projeto Escolar “Nosso Bairro, Nosso Lugar”.** Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade, Vol. 03, n. 01, 54-60p., 2012. ISSN 2316-9907.

SIPRIANO, Rita. **British Library expõe pela primeira vez três cadernos de Leonardo da Vinci.** O observador. [online] 04 de abril de 2018. Sessão Cultura. Disponível em: <<https://www.keep.pt/2018/12/05/british-library-expoe-pela-primeira-vez-tres-cadernos-de-leonardo-da-vinci/>> Acesso em: 10 de Mar. 2019.

TINÔCO, Mateus Mameri. **Design e território: Construindo a identidade local do centro histórico de Natal.** 2015. 149 f. TCC (Graduação) - Curso de Design, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

WEISS, L. . **Caixa de Pepi: entre história, ficção e arte.** In: 21º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2012, Rio de Janeiro. Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Online), 2012. v. 1.

_____. **Livros-Objetos e Almanques: marcas e deslocamentos.** 2010. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

